U.PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

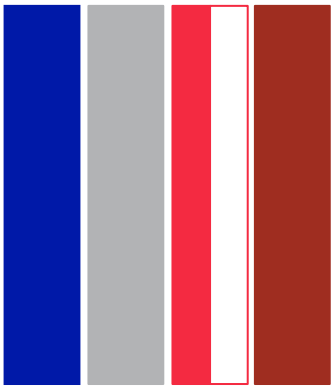
2º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA

A propaganda como instrumento de construção nacional: o caso de Israel

Beatriz Lima Vieira

M

2024



Beatriz Lima Vieira

A propaganda como instrumento de construção nacional: o caso de Israel

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada pelo Professor Doutor Manuel Loff e pela Doutora Marta Silva.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2024

Everything in this world can be robbed and stolen, except one thing; this one thing is the love that emanates from a human being towards a solid commitment to a conviction or cause.

(Ghassan Kanafani apud Marwan, 1972)

Sumário

Declaração de honra 5
Agradecimentos 6
Resumo 8
Abstract 9
Índice de Figuras 10
Lista de abreviaturas e siglas 11
Introdução 12
1.Contextualização teórica 17
2.Contextualização da sociedade israelita 22
2.1. Origem da criação do Estado de Israel 22
2.2. Divisões étnicas e religiosas 24
2.3. Ferramentas de construção nacional em Israel 29
2.3.1. Língua e educação 30
2.3.2. Imprensa 32
3.O papel das Forças Armadas no processo de construção nacional 35
3.1. Contextualização da situação militar antes de 1948 38
3.2. Forças Armadas pós-48 40
3.3. O papel da religião nas FDI 44
4.O uso das redes sociais por parte das FDI 47
4.1. Holocausto 53
4.2. Multireligiosidade e multietnicidade 58
4.3. Direitos LGBT 69
4.4. Direitos das mulheres 78
Conclusão ou Considerações Finais 88
Referências Bibliográficas 93

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) da presente dissertação, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo.

Porto, 11 de setembro de 2024

Beatriz Vieira

Agradecimentos

Se há algo de que tive certeza ao longo desta dissertação, é que não teria sido possível concluí-la sem a ajuda e o apoio de algumas pessoas na minha vida.

Primeiramente, quero agradecer aos meus orientadores, que são as pessoas a quem estou mais grata no meio deste processo todo.

Ao Manuel Loff, pela motivação, compreensão, camaradagem e pela partilha de conhecimento que tanto enriqueceu esta dissertação. Foi um grande desafio concluir este trabalho, mas também uma honra fazê-lo sob a orientação de alguém que tanto admiro.

À Marta Silva, pela amizade, por toda a ajuda e paciência. Sei bem que nem sempre foi fácil lidar com as minhas frustrações. Muito do que sei hoje sobre este tema de estudo, devo a ti. Obrigada por não me deixares desistir e por não desistires de mim.

À minha família, em especial aos meus pais, por me permitirem chegar até aqui. Obrigada por me terem dado toda a liberdade do mundo para ser quem eu quiser e pensar como eu quiser. Muito do que sou hoje devo a vocês dois. Este trabalho também é vosso.

À minha irmã, por ser minha melhor amiga desde o dia em que nasci, por me acompanhar durante toda a vida, por cuidar de mim como mais ninguém cuida. Obrigada, também por me teres dado dois sobrinhos lindos, a quem também dedico esta dissertação: Benedita e Martim, vocês ensinaram-me o que é o verdadeiro amor incondicional.

À minha tia, a quem carinhosamente chamo de Belinha, por me criar e me ensinar tudo o que sei sobre resiliência. Dizem que mãe é quem cria, e tu és como uma mãe para mim.

Aos meus amigos, a quem devo um pedido de desculpas por não ter sido a melhor amiga nos últimos tempos. Este trabalho fez com que eu tivesse de abdicar de alguns aniversários e convívios, e fez com que nem sempre estivesse disponível para vos acompanhar da mesma forma que vocês me acompanharam.

Em especial, aos amigos da FLUP, pela amizade inesperada e espontânea, mas muito boa. Sinto que muito da minha sanidade mental ao longo deste processo se deve a vocês.

À Mariana Silva, que está comigo desde os tempos do secundário, por me tirar da cama nos dias em que eu achava que não tinha forças para viver, por me lembrar de comer nos dias em que todo este processo me causava angústia e fazia com que eu esquecesse até do básico, por compreender todo o processo e estar sempre lá para mim.

Por fim, mas não menos importante, ao povo palestiniano, por nos ensinarem todos os dias a resistir. Não há palavras que possam representar a admiração que tenho por todos vós.

Não poderia deixar de mencionar aqueles que, perante um genocídio e um massacre como o que presenciamos atualmente, não se calam e o denunciam. Um dia, a história se lembrará de todos os que não se conformaram diante desta tragédia e lutaram por um mundo onde todos os povos são livres.

Resumo

Desde a criação do Estado de Israel que as suas Forças Armadas desempenham uma função fundamental para o Estado. Normalmente, o papel das Forças Armadas é o de defesa e proteção do território nacional e da sua população, mas no caso israelita o papel das FDI vai muito além disso. O serviço militar obrigatório, em vigor desde 1948, e a consequente militarização profunda da sociedade israelita tornaram as FDI no veículo principal para a disseminação de valores identitários durante um período importantíssimo da construção nacional israelita.

No nosso estudo, podemos ver que ao longo de 70 décadas de existência, as FDI fizeram uso de vários instrumentos de construção nacional, como a imprensa, o sistema educativo ou língua. Nos últimos 10 anos, as redes sociais tornaram-se num meio importantíssimo para a difusão de informação e mobilização, um fenómeno que encorajou as FDI a utilizarem-nas como mais um veículo de propaganda ao seu dispor. Nesta tese estudamos como as FDI exploram as redes sociais para a transmissão de uma imagem progressista e ocidentalizada de Israel para o exterior, assim como para a projeção de alguns elementos da sua identidade nacional

Esta dissertação tem o objetivo de contribuir para o estudo da forma como as FDI se tornaram um pilar da construção nacional em Israel, tornando-se numa máquina de propaganda e eficaz na criação do "novo judeu" israelita. Para tal, foram analisadas as publicações feitas pelas contas oficiais das FDI nas plataformas X, Instagram e Facebook, no período de 2014-2024, e identificados e analisados 4 temas: Holocausto, direitos das mulheres, direitos LGBT e multietnicidade, que demonstram uma tentativa, por vezes frustrada, de cimentar valores identitários, quer dentro da sociedade israelita, quer para consumo exterior.

Palavras-chave: Israel, Propaganda, Construção Nacional, Redes Sociais, FDI.

Abstract

Since the creation of the State of Israel, its armed forces have played a key role for the State. Usually, the role of the Armed Forces is to defend and protect the national territory and its population, but in this case, the role of the IDF goes far beyond that. The compulsory military service, existing since 1948, and the consequent militarization of Israeli society made the IDF the main vehicle for the dissemination of identity values during a very important period of Israeli national construction.

In our study, we can see that during its 70 decades of existence, the IDF made use of diverse instruments of national construction, such as the press, the educational system and language. In the last 10 years, social media has become a very important channel for disseminating information and propaganda, which has forced the IDF to use it as another propaganda vehicle. We study how they exploit social networks for the transmission of a progressive and westernized image of their state to the outside, and the use of social networks also in the projection of some elements of their identity.

This dissertation aims to contribute to the study of how the IDF has become a pillar of national identity construction in Israel, becoming an effective propaganda machine. To this end, we analyzed the publications made by the official IDF accounts on platforms X, Instagram and Facebook in the period 2014-2024, where 4 themes were identified and analyzed: Holocaust, women's rights, LGBT rights and multi-ethnicity, that demonstrate an attempt, sometimes frustrated, to cement identity values, both within Israeli society and for external consumption.

Key-words: Israel, Propaganda, Nation-building, Social media, IDF

Índice de Figuras

FIGURA 1 ..... **ERRO! MARCADOR NÃO DEFINIDO.**
FIGURA 2 54
FIGURA 3 54
FIGURA 4 55
FIGURA 5 58
FIGURA 6 62
FIGURA 7 63
FIGURA 8 64
FIGURA 9 66
FIGURA 10 67
FIGURA 11 68
FIGURA 12 69
FIGURA 13 72
FIGURA 14 73
FIGURA 15 75
FIGURA 16 77
FIGURA 17 81
FIGURA 18 82
FIGURA 19 83
FIGURA 20 85
FIGURA 21 86
FIGURA 22 87

Lista de abreviaturas e siglas

FDI ..... FORÇAS DE DEFESA ISRAELITAS

LGBT ..... LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRANSGÉNERO.

SNS ..... SPECIAL NIGHT SQUADS

Introdução

A ideia deste trabalho surgiu pouco depois de ingressar no Mestrado de Ciências da Comunicação, na vertente de Comunicação Política, que, à data da apresentação deste trabalho, foi descontinuada. Durante o mestrado tive oportunidade de frequentar a unidade curricular de Problemáticas e História do Médio Oriente e Mundo Árabe, uma UC que escolhi por sempre ter manifestado um grande interesse nas questões do Médio Oriente. Foi no desenvolvimento de um trabalho para esta unidade curricular que tive contacto pela primeira vez com a obra *An army like no other: how the Israel defense forces made a nation* de Haim Bresheeth-Zabner, um trabalho fenomenal sobre o papel das Forças de Defesa de Israel na formação do seu estado, tendo sentido a necessidade de aprofundar ainda mais as questões da construção nacional em Israel após a sua leitura.

A conclusão dessa obra, onde fica claro que Israel ainda não tem uma identidade nacional coesa, tem uma passagem que na altura me deixou a refletir sobre este assunto: "Despite more than seven decades spent on the national formation project, it is clear today that this was not a successful process and that what divides Israelis is much more important than what unites them" (2019, p.329).

No decorrer da leitura e análise crítica que fiz deste livro, senti que seria interessante desenvolver um estudo sobre como os estados desenvolvem propaganda para criar ou fortalecer a identidade nacional do seu povo. Existindo vários estados em que a identidade nacional não é coesa, a escolha do Estado de Israel dá-se por dois fatores principais: o facto de ser um estado recente, com apenas 76 anos, dando-nos a possibilidade de acompanhar este processo desde o seu início, e o facto do meio preferido, escolhido pela liderança sionista, para construir a identidade israelita ser as Forças Armadas, conhecidas por FDI.

As questões de partida para a investigação em causa são: 1. Qual o papel do exército israelita na construção da identidade israelita? 2. Quais os principais obstáculos à construção nacional em Israel e 3. De que forma é que o exército israelita serviu como veículo para a implementação de diferentes elementos de construção nacional? Nomeadamente, de que forma o exército serviu como veículo de propaganda e de implementação de elementos como a educação, língua e imprensa, que são transversais a outros processos de construção nacional?

Posto isto, o objetivo desta investigação é perceber como é que, desde 1948, o exército israelita funcionou como ponto de convergência para a construção da identidade nacional em Israel e, mais recentemente, como respondeu ao crescimento das redes sociais para a construção não só da sua identidade nacional, como também da construção e consolidação da sua imagem como um estado progressista e ocidentalizado para o exterior.

No meio de tantos desafios, como é o exemplo da grande diversidade étnica e cultural, tentamos perceber de que modo as FDI transformaram essas questões num ponto crucial da sua propaganda e, consequentemente, da imagem e da identidade de Israel.

A escolha do Estado de Israel para este estudo justifica-se pelo papel central que o exército desempenha na construção da identidade nacional. É verdade que as forças armadas acabam por ser um veículo de formação identitária em vários países, porém, nenhum deles atribui a mesma importância ao exército para essa difusão como Israel. Escolhemos analisar as FDI como veículo de difusão de identidade nacional porque é a experiência comum que mais israelitas partilham, homens e mulheres, a partir dos 18 anos, com as devidas exceções assinaladas neste texto. Mesmo para aqueles grupos que não partilham esta experiência, como é o caso de uma maioria de judeus ortodoxos, a militarização da sociedade israelita, como foi argumentado por Baruch Kimmerling, sociólogo israelita analisado neste trabalho, torna impossível que todos os membros da sociedade não sejam influenciados pelo exército.

A juntar a isto, o facto de ser um estado tão recente, com as características aqui já abordadas, tornaram Israel o caso de estudo ideal para a compreensão do papel que a propaganda, através das forças armadas, têm na criação e fortalecimento da identidade de uma nação.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo dedica-se à exploração do conceito de nacionalismo e à memória e identidade coletiva, conceitos essenciais para este trabalho na compreensão do surgimento do movimento sionista e na consequente tentativa de criação de uma identidade coesa numa nação que é constituída, acima de tudo, por colonos de origem diversa.

No segundo capítulo tentaremos fazer uma contextualização da sociedade israelita desde os seus primórdios, analisando as divisões étnicas e religiosas que, até aos dias de hoje, marcam profundamente as vivências desta sociedade, assim como o papel que a língua, a educação e a imprensa ocupam na mesma.

Já no terceiro capítulo procuramos compreender qual é o papel que as forças armadas desempenham na construção da identidade nacional em Israel, desde a altura em que grupos paramilitares, como a Haganah ou Lehi, foram construindo as bases daquilo a que viria a ser as FDI até à atualidade.

No quarto capítulo, será analisado o uso que é feito por parte das FDI nas redes sociais para efeitos propagandísticos, analisando os temas que são mais utilizados nos esforços de propaganda, para combater os seus críticos, como a memória do Holocausto, a multietnicidade, os direitos LGBT e os direitos das mulheres.

Escolhido o tema desta investigação e postas as questões às quais queremos responder com este estudo, partimos para a análise da bibliografia existente disponível sobre a construção nacional em Israel.

Devido à complexidade do assunto e do facto dessa construção identitária começar mesmo antes da criação do Estado de Israel, teremos de analisar o surgimento do movimento sionista, as várias fazes de colonização do território palestiniano por parte de grupos sionistas e a criação de milícias sionistas no período antes de 1948, ano em que foi fundado o Estado de Israel. Depois da contextualização histórica pré-1948,

começaremos a analisar a sociedade israelita e o papel das forças armadas na criação da nação a partir do ano de 1948.

De forma a perceber como as FDI se adaptaram à nova realidade imposta pelas redes sociais, analisaremos parte das publicações nas redes sociais X, Instagram e Facebook das FDI, no período entre 2014 e 2024. Este período foi escolhido devido ao facto de as redes sociais serem um fenómeno contemporâneo, mas também porque esse período de 10 anos pode servir para detetar padrões comuns nas publicações feitas por parte das FDI e os temas mais usados. Apesar de analisarmos as publicações feitas até 2024, fazemos a salvaguarda que, a partir de outubro de 2023, o foco das publicações das FDI tem sido, acima de tudo, justificar a invasão ao território da Faixa de Gaza, não sendo tão frequente a utilização dos temas escolhidos para análise.

Nesta dissertação iremos recorrer maioritariamente a fontes secundárias, por ser onde se encontra mais informação relevante em relação ao objeto de estudo, com exceção do capítulo 4, onde utilizaremos maioritariamente fontes primárias, a partir de uma pesquisa nas redes sociais das FDI, e onde são selecionadas as publicações e posteriormente é feita uma análise das mesmas.

Na contextualização teórica, recorremos a autores bastantes conhecidos pelo trabalho efetuado na área do nacionalismo e de construção nacional como Benedict Anderson e Eric Hobsbawm. Apesar de não haver uma definição fixa e exata do conceito de nacionalismo, na nossa opinião a junção do trabalho destes dois autores é essencial para a compreensão deste fenómeno. Já nas questões da memória e identidade coletiva não podíamos deixar de consultar o trabalho de Maurice Halbwachs, que é um clássico sobre o assunto, com a junção dos escritos da socióloga Barbara Misztal que ajuda a completar o pensamento de Halbwachs.

Na contextualização histórica da sociedade israelita, sem dúvidas que a obra *Nation Building and State Building: The Israeli Example*, de Selzer, é o texto que mais nos ajudará a aprofundar esta questão, juntamente com a obra de Friesel, *New Zionism:*

Historical roots and present meaning, que se foca na história do sionismo, desde o seu início até 1980.

Em relação às forças armadas e da sua importância na construção nacional em Israel, já referida a sua importância no desenvolvimento deste trabalho, utilizaremos acima de tudo a obra de Bresheeth-Zabner, *An Army Like No Other: How the Israel Defense Forces Made a Nation*. Uma investigação importantíssima que nos demonstra como as Forças Armadas são o pilar da sociedade israelita e como, desde o princípio, as forças armadas foram o veículo preferido por Ben-Gurion para a formação da identidade nacional, tornando as FDI um "people's army". Não queremos deixar de referir a importância do trabalho de Baruch Kimmerling sobre o militarismo, *Patterns of militarism in Israel*, que tanto nos ajuda a definir a sociedade israelita e o seu modo de funcionamento. Trata-se de um trabalho no qual podemos perceber pela análise do autor que o militarismo está tão enraizado na sociedade israelita, que as forças armadas são politicamente intocáveis, porque a sociedade entende que a continuação do povo judeu e a sua salvaguarda dependem exclusivamente do Estado de Israel e de quem faz parte da sua defesa.

No capítulo sobre o uso redes sociais faremos uma análise das redes sociais mais utilizadas pelas FDI e onde postam mais ativamente, principalmente na rede social X, Instagram e Facebook. Como referido anteriormente, o tempo de pesquisa dos posts foi entre 2014 e 2024, e tentaremos recolher *posts* onde seja possível demonstrar o discurso e narrativa normalmente utilizados pelas FDI no seu esforço de propaganda, e que sirvam de marcadores sobre a identidade do seu povo ou da imagem que querem transmitir externamente.

Apesar das FDI terem um portfólio extenso sobre as mensagens que postam nas suas redes sociais, que vai desde a cobertura de operações militares até a publicação de histórias pessoais dos seus soldados, escolhemos nos focar em apenas 4 temas. A escolha do Holocausto, direitos LGBT, direitos das mulheres e minorias étnicas é feita por entendermos que fazem parte de um esforço para transmitir uma identidade que

tem dois elementos distintos: por um lado, a vitimização, a partir da exploração das questões do Holocausto para estabelecer comparações e continuidades entre o passado e o presente; por outro lado, e o liberalismo da sociedade israelita, contrapondo constantemente a abertura e o progresso de Israel ao "atraso" e "conservadorismo" dos seus vizinhos árabes, onde não são respeitados os direitos das mulheres, pessoas da comunidade LGBT e diversidade cultural e étnica.

1. Contextualização teórica

Na obra *Comunidades Imaginadas*, Benedict Anderson propõe a seguinte definição de nação "Uma comunidade política imaginada - e que é imaginada ao mesmo tempo que intrinsecamente limitada e soberana" (1983, p.32).

Ela é imaginada porque "até os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles" (*Ibidem*, p.33). É limitada porque cada nação tem limites em relação às suas fronteiras, mesmo que estas tenham a capacidade de sofrer alterações, que não abrangem todas as nações (*Ibidem*, p.34). É soberana porque o conceito nasce na época em que os sistemas de governo vigentes começam a entrar em declínio, com as revoluções a colocarem em causa as estruturas de dominação anacrónicas, como é o exemplo da monarquia, e de onde surgem novas estruturas de dominação e soberania territorial.

As nações são imaginadas como uma comunidade porque, apesar da existência de hierarquias sociais e das desigualdades sociais entre membros dessa comunidade, "a nação sempre é concebida como como uma profunda camaradagem horizontal", sendo essa fraternidade que, ao longo dos anos, levou a que os indivíduos se tenham disponibilizado a matar e a morrer por essas comunidades. (*Ibidem*, p.35).

Segundo Woods e Grant (2000, n.p), “A nation is not something fixed and static. It can and does change and evolve. Nations can be created where none existed before.” Historicamente, as nações têm a capacidade de se formarem através de guerras, invasões e revoluções que acabam por criar novas conexões entre uma comunidade e fronteiras (físicas e identitárias). A questão de as nações não serem algo fixo e estático, como referido acima, leva a contradições históricas. Por exemplo, “what was yesterday an oppressed nation, or an enslaved colony can become transformed into the most monstrously oppressive and imperialist state.” (*Ibidem*, n.p)

Sobre este tema, Eric Hobsbawm defende que tanto as nações como os nacionalismos são um produto de “engenharia social”, típico da era industrial (1992: 2).

Ao contrário de outros teóricos, que sustentam que a cultura é o fator predominante na criação da nação, Hobsbawm argumenta que é o nacionalismo que inventa a nação, não o contrário (1990: 10). Ou seja, não é necessária a existência de uma língua, uma religião em comum ou até mesmo um passado histórico para a criação de uma nação. Muitas vezes, só depois da criação de um estado é que existe a criação cultural da nação. Hobsbawm acrescenta ainda no seu livro A invenção das tradições que “A invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (Hobsbawm, 1984/2002, p. 12).

A nação moderna baseia-se acima de tudo em construções sociais, com a associação a símbolos recentes, tais como a instituição de novas cerimónias nacionais. Apesar de estas se tratarem de “tradições” mais recentes, existe uma ideia de que são rituais antigos que existem desde sempre, com um discurso adaptado ao fenómeno dos nacionalismos (Woods & Grant, 2000, n.p).

Como nos diz Lilia Schwarcz, no prefácio da versão traduzida para português da obra de Benedict Anderson, Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo: “Nações são imaginadas, mas não é fácil imaginar. Não se imagina no vazio e com base em nada” (Schwarcz *apud* Anderson, 2008, p.16).

Neste caso, os símbolos acabam por ser poderosíssimos se assentarem numa lógica comunitária afetiva e quando a língua e a história passam a ser objeto de pouco questionamento ou dúvida, sendo algo essencial para as comunidades. Schwarcz (2008) acrescenta ainda que "O uso do 'nós', presente nos hinos nacionais, nos dísticos e nas falas oficiais, faz com que o sentimento de pertença se sobreponha à ideia de individualidade…"

Hobsbawm (1984/2002, p. 20) afirma que:

> A maioria das ocasiões em que as pessoas tomam consciência da cidadania como tal permanecem associadas a símbolos e práticas semi-rituais (por exemplo, as eleições), que em sua maioria são historicamente originais e livremente inventadas: bandeiras, imagens, cerimónias e músicas. Na medida em que as tradições inventadas da era que sucedeu às revoluções francesa e industrial preencheram uma lacuna permanente - pelo menos, até hoje.

Outra questão que Benedict Anderson desenvolve na sua obra Comunidades Imaginadas, é a dos três fatores que, para o autor, contribuem de forma direta para o conceito de nacionalismo: o fenómeno do capitalismo editorial, a língua enquanto instrumento unificador da nação e a interação de um sistema capitalista de relações produtivas.

O fenómeno do capitalismo editorial, analisado por Anderson, demonstra que, através do material impresso, a nação converte-se numa comunidade sólida.

A imprensa teve um papel muito importante por ter acompanhado a evolução da sociedade e as alterações importantes nas áreas científicas e tecnológicas, sendo também o meio onde as mensagens políticas, culturais, religiosas etc. foram transmitidas. Nesse sentido, com a industrialização e com o acesso facilitado que as comunidades passaram a ter a este material impresso, foi possível a um número significativo de pessoas, pertencentes ao mesmo estado, ter acesso ao mesmo conteúdo, no mesmo período de tempo, o que acabou por criar a ideia de serem parte de uma comunidade (Schwarcz, 2008).

Para esta questão, é relevante o que Edward Saïd denotou em relação aos romances de fundação: argumentava que aqueles se apresentariam como elementos notáveis na construção coletiva do passado e de um nós comum. É neste sentido que a língua se torna num instrumento indispensável, permitindo a unificação da leitura e a manutenção de uma suposta antiguidade essencial, especialmente quando esta se torna oficial.

Maurice Halbwachs deixou o maior contributo para o conceito da memória coletiva. Halbwachs, na sua obra intitulada Memória Coletiva (1950), demonstra que a memória não pode existir isolada de um grupo social e, visto que as memórias de um indivíduo não são apenas suas, elas deixam de ter um caráter meramente individual (1950/2006, p. 29-30).

O facto de a memória coletiva não existir fora da coletividade deve-se à constatação de que os seres humanos vivem em grupos sociais e sentem a necessidade de pertencer a uma comunidade afetiva, onde partilham memórias comuns e fortalecem a sua identidade coletiva (*Ibidem*, p.50-53).

Além do mais, a memória coletiva tem a particularidade de transformar factos do passado em imagens e narrativas ininterruptas: isto é, existe uma permanente necessidade de reconstrução do passado de modo que se estabeleça uma ligação entre o passado e o presente.

A socióloga Barbara Misztal defende que os nacionalistas, por terem a convicção de que a sua identidade se baseia em traços comuns, como por exemplo, a língua e a religião, utilizam a memória e o passado como instrumento político (2003, p.133-134).

Segundo Misztal, a memória é o fator que vai dar legitimidade à identidade, pois qualquer grupo ou individuo é sustentado pela lembrança, e acrescenta que a memória e a identidade têm uma grande dependência uma da outra pelo facto de a identidade estar enraizada na memória (*Ibidem*, p.133).

Assim, a autora define a identidade coletiva como "implying notions of group boundedness and homogeneity, and an emotional sense of belonging to a distinctive, bounded group, involving both a felt solidarity with fellow group members and a felt difference from outsiders" (*Ibidem*, p.133).

Sobre esta questão, Schwarztein acrescenta que "Si una comunidad reconoce que ha vivido hechos traumáticos y los utiliza en la trama de su identidad, la memoria colectiva perdura y la memoria individual puede encontrar un lugar, aunque transformada, dentro del paisaje." (Schwarzstein, 2001, pp. 80-81).

Esta interpretação vai ser especialmente relevante neste estudo realizado sobre a sociedade israelita, na qual podemos ver de forma clara que o Estado usa e exalta a memória de acontecimentos traumáticos, como por exemplo o Holocausto, para definir a sua identidade coletiva.

É notório que a capitalização do Holocausto tem sido extremamente importante para a manutenção do Estado de Israel e da sua legitimação.

Como refere Finkelstein (2000), a capitalização ideológica do Holocausto por parte do Estado israelita serve para amenizar as críticas que lhe são feitas pela comunidade internacional. Esta capitalização serviu ainda como uma doutrinação propagandística realizada pelos meios oficiais, que tem como grande objetivo, não o verdadeiro conhecimento do passado, mas a manipulação do presente (Evron apud Finkelstein, 2000, p.50).

Evron vai ainda mais longe e expõe a ideia de que a memória do Holocausto serviu como uma ferramenta poderosíssima nas mãos das lideranças israelitas e da diáspora judaica (*Ibidem*, p.50).

2. Contextualização da sociedade israelita

2.1. Origem da criação do Estado de Israel

Influenciados pelos movimentos nacionalistas que surgiram por toda a Europa ao longo do século XIX, a ambição do movimento sionista era criar "a national home for the Jewish people" (Selzer, 1971, p.11). Esta ideia nasceu, entre outros, da assimilação que tinha sido imposta aos judeus na Europa.
Tendo o movimento sionista surgido entre os judeus que habitavam na Europa Central e do Leste, foi precisamente na Polónia e na Rússia que, no século XIX os governos tiveram uma política de assimilação e conversão em relação à comunidade judaica mais violenta.
O Império Russo adotou leis bastante drásticas em relação à expressão da cultura judaica. Uma das leis que foi aplicada, foi a da conscrição de jovens judeus com 12 anos de idade para realizarem serviço militar no Exército Imperial Russo, durante um período de 31 anos, durante o qual era exercida uma doutrinação cristã sobre estes.

Os judeus que cumpriam com as normas que os governos já referidos anteriormente impunham eram conhecidos como judeus "corrigidos" (*ibidem*, p.10). Os então ditos "judeus corrigidos" eram aqueles que tinham abandonado os seus costumes, vestimentas e a prática da religião judaica para obterem alguma igualdade em relação aos outros cidadãos no que toca a direitos cívicos. Esta assimilação tão violenta imposta aos judeus da Europa Central e do Leste vai ser um dos motivos que leva ao surgimento do iluminismo judaico apelidado de Haskalá. O movimento Haskalá vai combinar elementos tradicionais do judaísmo com elementos seculares modernos (Laqueur, 1972, p. 77).

Os judeus Maskilim, assim eram conhecidos os seguidores do Haskalá, acabam por entender que, com o crescente antissemitismo na Europa, a única forma que os judeus tinham de proteger a sua identidade era a partir da criação do seu próprio Estado. A luta do movimento Haskalá pela emancipação dos judeus na Europa é um dos motivos que levou ao surgimento do movimento sionista que foi fundado por Theodor Herzl em 1986.

O movimento sionista, fundado em 1986, tinha a ambição de criar uma nação para o povo judaico e o retorno à terra sagrada cumprindo assim profecias bíblicas. Yehezkel Kaufmann, filósofo israelita, afirmou, em 1968, que "The diaspora Jews, in the countries to which they have been dispersed, really deserve to be hated; their customs, manners, occupations, attitudes towards environment, and so on, are the source of the hatred, the justifiable hatred, felt towards them." (Kaufmann *apud* Selzer, 1971, p.11). Esta declaração demonstra já a rejeição das experiências dos judeus em diáspora por parte das lideranças israelitas, um tema que será um dos pilares da narrativa israelita na construção do "novo judeu" israelita.

A 29 de novembro de 1947, numa assembleia extraordinária da ONU, foi aprovado o plano de partição da Palestina e a criação de dois estados: um judaico e um palestiniano. Apenas alguns meses depois, em maio de 1948, o movimento sionista em Israel, representado por Ben-Gurion, declarou a independência do Estado de Israel.

Historicamente, a nação israelita tem sido predominantemente sustentada pela imigração.

A absorção de imigrantes é uma das maiores preocupações de Israel e do movimento sionista que viam e veem atualmente a imigração de judeus em diáspora como um elemento essencial para a manutenção da maioria judaica em Israel e para a manutenção da identidade hebraica do Estado. O Estado de Israel entende que é o papel de todos os judeus no mundo auxiliarem na expansão e prosperidade da nação israelita, e que esse auxílio passa, acima de tudo, pela imigração para Israel. Essa ideia está estipulada na declaração de independência lida por Ben-Gurion em 1948: "Nós apelamos ao povo judeu em toda a Diáspora para ajudar os judeus de Eretz-Israel nas tarefas de imigração e construção e de os apoiarem na grande luta de realização do antigo sonho - a redenção de Israel." (Ben-Gurion *apud* Selzer, 1971, p.9)

O uso deste mito messiânico, de que os judeus voltariam à sua terra prometida para a sua redenção, serviu como meio de unir as intenções do movimento sionista e dos judeus ortodoxos que, tradicionalmente, rejeitavam a criação de um estado israelita por meios humanos/não-divinos. (*Ibidem*, p.10)

2.2. Divisões étnicas e religiosas na sociedade israelita

Al-Haj argumenta que a sociedade israelita é profundamente fragmentada e que a etnia e o nacionalismo desempenham um papel essencial na segmentação dessa mesma sociedade. Essa segmentação está organizada em dois grupos, judeus e não judeus, sendo que ao primeiro se acrescentam as divisões internas da população judaica por etnia, orientação religiosa e o tempo em que estão em Israel. (2004, p.2)

O movimento sionista, de forma gradual, obteve sucesso no seu objetivo de criar uma maioria demográfica de judeus em Israel. Evyatar Friesel argumenta que a construção da maioria judaica em Israel é um processo contínuo e, muitas vezes, com expressões complexas (1987, p.174). Segundo o que foi noticiado pelo jornal *The Jerusalem Post* em abril de 2021, a população judaica em Israel atingiu a sua menor percentagem desde a fundação do estado de Israel, tendo sofrido um decréscimo de 82.1% para 74%. No entanto, Friesel expõe que um dos maiores falhanços do movimento sionista foi a decisão da maioria dos judeus na diáspora de não imigrar para Israel (*Ibidem*, p. 173). Friesel apresentava-nos esta questão em 1987 e, algumas décadas mais tarde, segundo os dados da *Central Bureau of Statistics*[1], no final de 2019, confirmava-se que apenas 46% da população judaica mundial se encontrava a viver em Israel.

Por outro lado, é importante responder à pergunta sobre as origens das fraturas dentro sociedade israelita. Para Michael Selzer (1971), apesar de existirem vários fatores que levam a essas fraturas, o mais relevante para este problema é a questão de como são incluídos os cerca de 20% de cidadãos árabes israelitas na sociedade israelita.[2]

Na declaração de independência do Estado de Israel, está escrito um apelo aos cidadãos árabes para que colaborem no desenvolvimento de Israel, com a promessa de que iriam usufruir de igualdade plena e que seriam representados em todos os órgãos e

[1] https://www.jpost.com/israel-news/jews-make-up-smallest-percentage-of-population-since-founding-of-israel-664899?utm_source=jpost.app.apple&utm_medium=share
[2] Dados do governo israelita de 2022.
https://www.cbs.gov.il/he/publications/doclib/2022/2.shnatonpopulation/st02_01.pdf

instituições do Estado. Ora, esta promessa aos cidadãos de origem árabe não está a ser cumprida.

Segundo o Selzer, a primeira razão pela qual não é cumprida deve-se ao facto de que, assim como os sionistas percecionam todos os judeus como herdeiros soberanos do Estado israelita, também percecionam todos os palestinianos como "sons of the Arab people", rejeitando assim a “pureza” da sua cidadania (1971, p.15).

Em segundo lugar, existe a ideia generalizada de que todos os árabes têm como missão a destruição de Israel, não podendo ser vistos como cidadãos leais à nação, ou merecedores de integração por serem percecionados como uma ameaça para Israel.

Apesar de o artigo aqui citado ser do ano de 1971, esta ideia ainda persiste, de maneira geral na sociedade israelita e, se analisarmos os dados, parece estar em crescimento. Em junho de 2022, o jornal israelita *Haaretz* publicou os resultados de uma sondagem realizada pelo *Israeli Democracy Institute* em que 60% dos judeus israelitas concordavam que seria melhor se judeus e árabes vivessem separados. Em 2021, a mesma afirmação apontava para uma percentagem de 45% de judeus israelitas que acreditavam nesta separação. Quando a mesma questão é colocada a cidadãos de origem árabe, apenas 20% acreditam que deveriam viver separados. Assim, este inquérito demonstra que existe um número elevado de judeus israelitas que defende a segregação da minoria étnica árabe que habita em Israel.

A Dr. Tamar Herman, que liderou este inquérito, afirma que cada vez mais os árabes sentem uma crescente sensação de discriminação em relação ao seu coletivo. Já pelo lado dos judeus, há uma falta de vontade de partilhar os seus privilégios e a sua participação nas decisões da sociedade com os árabes. Estas declarações vão ao encontro aos números do estudo que demonstram que 80% dos judeus acredita que a decisão em relação ao futuro do país deve pertencer à maioria judaica.

Selzer defende que o movimento sionista não previu que pudesse haver a existência de um grupo minoritário árabe com uma proporção significativa. Porém, mesmo que o tivesse feito, o autor argumenta que isso não teria alterado nada nas políticas israelitas de integração da minoria palestiniana.

O seguinte comentário de Ben-Gurion a um cidadão israelita de origem árabe já indicava que o movimento sionista não estaria disposto a abdicar do estatuto de "Estado para judeus" quando afirmou que: "Israel is the country of the Jews, and only of the Jews. Every Arab who lives here has the same rights as any minority citizen of any country in the world, but he must admit that he lives in a Jewish country" (Ben-Gurion *apud* Selzer, p.15).

Para concluir, o autor expõe que, por definição, um Estado judeu que ofereça os mesmos direitos e uma participação plena na vida do estado aos cidadãos não judeus perde a singularidade de ser um Estado judaico, o que explica a permanente segregação e opressão dos árabes israelitas (*ibidem*, p.16).

Contudo, a divisão entre árabes israelitas e judeus israelitas é meramente a divisão mais óbvia na sociedade israelita e aquela que é objeto de maior estudo. É preciso ir mais além e perceber sobre que outras diferenças a sociedade israelita foi contruída e as que permaneceram ou se agudizaram ao longo do tempo. Ben-Rafael e Sharot (1991) argumentam que a étnia, a classe e a religião sempre foram pontos centrais para a identificação de clivagens sociais e a sociedade israelita não é exceção.

A religião é um fator importante no que toca a diferenças étnicas entre grupos de judeus israelitas. Estes grupos têm diferentes visões em relação à tradição religiosa, costumes religiosos, festividades, ou o papel que a religião deve assumir na vida pública e nas políticas do Estado, etc., sendo que essas questões são uma componente importante na diferença étnica entre a população judaica (*ibidem*, p.23). O cenário étnico em Israel, apesar de ser complexo, tem sido simplificado pela divisão de grupos de judeus em 2 categorias: Os Ashkenazim, oriundos maioritariamente de países europeus, e os Mizrahim, provenientes do Norte de Africa e de países asiáticos. Os motivos que levaram à imigração dos judeus para Israel e as características culturais e socioeconómicas dos imigrantes mudaram desde o período *Yishuv*[3].

[3] Nome atribuído aos assentamentos judaicos existentes no território palestiniano durante o mandato britânico, antes do estabelecimento do Estado de Israel.

Durante séculos, pequenos grupos de judeus imigravam para a terra palestiniana por motivos meramente religiosos, até porque, durante o período anterior ao Novo *Yishuv*, que começa a estabelecer-se com a Primeira *Aliyah*, em 1981, a comunidade que ali vivia dedicava-se acima de tudo à prática e estudo da religião, dependendo exclusivamente das doações financeiras vindas dos judeus na diáspora.

Durante a primeira *Aliyah*, a população judaica que habitava na Palestina era predominantemente de origem Sefardita, mas, eventualmente, esta comunidade foi ultrapassada por uma vaga de imigração de judeus Ashkenazim que, durante a segunda Aliyah, que tentavam fugir não só do crescente antissemitismo e *progroms*, como também das tendências seculares crescentes na Europa, acabando por se tornarem a comunidade que vai acrescentar padrões ultraortodoxos ao judaísmo na Palestina.

Mais tarde, o novo *Yishuv* seria fundando pelos judeus que habitavam na Europa Central e do Leste, que imigraram para a Palestina motivados pelo movimento sionista. (*ibidem*, p.26)

Os colonos da primeira *Aliyah*, período entre 1882 e 1903, tinham o objetivo principal de criar uma sociedade baseada na justiça social, promovendo a solidariedade entre os membros da sua comunidade, especialmente na distribuição do trabalho. Já os colonos da segunda e terceira *Aliyah*, incluía uma comunidade de judeus que desejavam fundir os ideais sionistas aos ideais socialistas. Estes viam-se como fundadores de uma sociedade judaica diferente baseada em trabalhar a terra palestiniana. Este grupo de judeus criaram e passaram a controlar os *Kibbutzim*[4], partidos políticos, criaram forças de defesa, isto é, grupos paramilitares, o Histadrut[5], indústria de construção, bancos, transportes etc.

[4] O Kibbutz, ou no plural kibbutzim, refere-se a um grupo de pessoas que desenvolve um modo de vida em comunidade. Inicialmente o objetivo dos Kibbutz era contrariar a logica capitalista, onde as pessoas trabalhavam de forma voluntária e para o bem-estar da comunidade. Nos dias de hoje não têm uma forma de funcionamento muito diferente das empresas capitalistas.

[5] Fundado em 1920, o Histradrut é uma organização sindical israelita ativa na defesa dos direitos dos trabalhadores.

Durante o período do Mandato Britânico sob a Palestina, apenas 10% da imigração judaica era oriunda da Ásia e da Africa. Nas vésperas da declaração do Estado de Israel, o esquema demográfico mudou drasticamente. Cerca de 700 mil imigrantes chegaram a Israel, metade vindos da Europa e outra metade vindos dos continentes asiático e africano. Segundo os dados do Israel Central Bureau of Statistics, em 2010, este grupo correspondia a 27,4% da população israelita.

O facto de os judeus que imigraram do Médio Oriente terem entrado numa sociedade que, a nível social e demográfico, era dominada por judeus oriundos da Europa, levou a um processo de aculturação e assimilação a uma sociedade com valores ocidentais.

Segundo os autores, não se pode negar que existia um contexto cultural diferente entre as duas categorias de imigrantes, especialmente no que toca à importância da religião nas suas vidas (*ibidem*, p.27). Os judeus que imigraram da Europa do Leste, já depois da criação do Estado de Israel, apesar de serem os maiores seguidores do judaísmo ortodoxo, acabaram por se ir afastando da vida religiosa. Já os imigrantes oriundos da Ásia e da Africa, que viviam a sua religiosidade de uma forma diferente, e de modo menos ortodoxo, com a assimilação imposta pelos judeus Ashkenazim, passaram a atribuir uma importância maior à religião nas suas vidas.

A cultura israelita foi desenvolvida, sobretudo, pelos judeus da Europa do Leste e, a influência da cultura ocidental sobrepôs-se à cultura dos judeus do Médio Oriente.

O domínio cultural dos Israelitas com origens europeias é maioritariamente influenciado por uma visão secular, mas também se expressa na esfera religiosa (*ibidem*, p.28). Desde há uns anos, os judeus provenientes da região do Médio Oriente têm exigido o direito a que todas as comunidades existentes possam manter a sua própria cultura.

A desigualdade entre os judeus Mizrahim e os judeus Ashkenazim ainda é um problema por resolver na sociedade israelita. As classes mais baixas entre os judeus israelitas são dominadas pelos judeus Mizrahim, e os indivíduos que ocupam os cargos mais valorizados na sociedade são maioritariamente judeus Ashkenazim.

A mesma estratificação é visível na educação. Segundo o que foi exposto num artigo do *The Times of Israel* sobre a desigualdade existente entre estas duas comunidades[6], estudos demonstram que os judeus Ashkenazim têm uma representação muito superior nas universidades quando comparados com judeus Mizrahim. A separação comunitária e residencial leva a que também exista uma separação nas escolas, sendo essa separação mais notória a nível da escola primária. Assim, a etnia é um fator decisivo na estratificação da sociedade israelita, aprofundando o fosso entre as diferentes comunidades.

2.3. Ferramentas de construção nacional em Israel

O movimento sionista teve a capacidade de estabelecer um estado com a ajuda de vários movimentos paramilitares o que possibilitou a ocupação e colonização do território palestiniano, mas fracassou na criação da nação israelita.

Contrariamente ao que os sionistas alegavam, os judeus, por si só, não constituíam uma nação. Ben-Gurion teve a capacidade de separar aquilo que era a propaganda sionista da realidade, e compreendeu, logo em 1948, que, apesar do estado e das forças armadas estarem estabelecidos, era urgente iniciar o processo de construção da nação. (Bresheeth-Zabner, 2020, p.69).

Para Ben-Gurion, as forças armadas eram a estrutura ideal para a construção da tão idealizada nação judaica. Os líderes sionistas acreditavam que era necessário criar uma distinção entre os judeus da diáspora e os sionistas pioneiros, a quem Herzl apelidou, várias décadas antes de "novo judeu". Este processo de engenharia social pretendia que as diferentes línguas, culturas, crenças, práticas religiosas etc. levadas por diversas comunidades judaicas para Israel se fundissem numa só nação israelita no novo Estado. Assim, o sionismo rejeitou a identidade formada pelos judeus da diáspora, defendendo por oposição a identidade do "judeu bíblico", que seriam aqueles que regressassem à terra prometida (*Ibidem*, p.70).

[6] https://www.timesofisrael.com/inequality-between-mizrahi-ashkenazi-jews-to-be-measured-with-new-statistics/

O recém-criado Estado de Israel tinha um exército eficiente, as Forcas de Defesa de Israel (FDI), que rapidamente se transformaram na entidade mais importante do estado. Desde 1949, altura em que o Knesset aprova a Israeli Defenser Service Law, que todos os judeus israelitas com mais de 18 anos passaram a ser chamados para cumprir o serviço militar obrigatório[7]. Assim, as FDI, cumpriam o requisito para se tornarem no instrumento ideal para a mudança social.
Bresheeth-Zabner argumenta que Ben-Gurion "created the army of his dreams—a centralized, authoritarian, ideological, and professional body—an instrument of occupation, expulsion, and subjugation", acrescentando que as FDI eram um exército do povo, que criavam e moldavam a nação, ao mesmo tempo que constituíam uma máquina de guerra efetiva (*Ibidem*, p.71).

Cada guerra em que Israel participava obtinha grande aprovação por parte da população judaica, que viam nessa situação uma oportunidade crucial para a união nacional e consolidação da sua identidade. Como o autor reitera: "The many wars and instances of military aggression since 1947 became junctures of social cohesion, of the tribe gathering around the bonfire of combat, a coming together of warriors" (*Ibidem*, p.72).

2.3.1. Língua e educação

As FDI conseguiram, desde o início, infiltrar-se em todas as camadas da vida da sociedade israelita. Apesar de a língua ser quase sempre um elemento essencial na construção nacional, o que torna o caso de Israel único nesta questão é o uso das forças armadas para a implementação de uma nova língua, profundamente ligada à religião, substituindo o Ídiche que era então a língua mais utilizada pelos imigrantes chegados a Israel. São as primeiras milícias judaicas que vão ter um papel determinante no ressurgimento da língua hebraica.

É nas FDI que começam a surgir novas expressões em hebraico que mais tarde se irão espalhar por toda a sociedade, reavivando a língua bíblica.
A primeira vaga de imigrantes chegados ao Estado de Israel, não sabiam, na sua grande

[7] Até 1949, as FDI eram compostas por membros que tinham pertencido ao *Irgun, Lehi* e *Haganah.*

maioria, falar hebraico, até então era considerada uma língua morta e que era utilizada apenas em rituais religiosos (Bresheeth-Zabner, 2020, p.96). Essa adoção do hebraico por parte do Estado de Israel vai ser importante para a rutura com a cultura da diáspora que, como vimos anteriormente, era algo desejado pelo movimento sionista que queria consolidar a ideia do regresso ao Israel bíblico.
Ben-Gurion entendeu que a língua desempenha um papel fundamental na identidade nacional (*Ibidem*, p.97) e, uma vez que não existiam uma língua e uma cultura comuns no Estado israelita, estas tiveram de ser manufaturadas a partir da educação, da literatura e dos meios de comunicação, de modo a criar uma memória e identidade homogéneas (Peled-Elhanan, 2012, p.2).

O sistema educacional é uma ferramenta importantíssima para a construção da nação israelita. Para Nurit Peled-Elhanan, os manuais escolares em Israel são escritos e estão programados para servir os jovens que mais tarde irão ingressar nas FDI e participar ativamente na ocupação do território palestiniano. A importância dos manuais escolares vem da visão da autora em que estes moldam a perceção e a memória que vão determinar as identidades pessoais e coletivas (2012, p.VIII).

A função dos manuais escolares em Israel é reforçar e reproduzir narrativas que criem uma conexão entre os estudantes judeus e as origens da terra israelita, sempre representando os judeus israelitas como o povo nativo a voltar à sua terra (Ibidem, p.2).

Para Podeh, os manuais escolares não são agentes da história, mas sim de memória. Nos manuais escolares israelitas, a construção da memória coletiva desempenha um papel duplo: primeiro, o de criar uma continuidade entre o passado e o presente do Estado, incutindo narrativas históricas aceites pela sociedade israelita; em segundo lugar, reescrevendo a história de modo a servir as necessidades do presente. (Podeh *apud* Peled-Elhanan, p.6)

Deste modo, os manuais escolares e o sistema educacional em Israel servem para incutir na memória coletiva as narrativas criadas pelo movimento sionista, mais em concreto a narrativa do retorno do povo judaico ao Israel bíblico, onde os heróis desta narrativa são

os “Novos judeus” que voltaram para reclamar a sua terra, afastando os invasores árabes. (*Ibidem*, p.7)

2.3.2. Imprensa

Podemos dizer que os media são o instrumento de comunicação mais poderoso existente. Definido como o quarto poder, juntamente com o poder legislativo, o executivo e o judicial, os media referem-se ao coletivo a que pertencem os jornais, a televisão, a rádio, a internet e o cinema. Sendo os media o quarto pilar da democracia, desempenham um papel vital na construção nacional.

Segundo Lazersfeld e Merton (1948) os *Mass Media* servem várias funções sociais, das quais os autores destacam apenas três: a função de atribuição de estatuto, a imposição de normas sociais e a disfunção narcotizante. Para este estudo interessa-nos maioritariamente a função de atribuição de estatuto e a imposição de normas sociais.

Os *Mass Media* atribuem *status* a acontecimentos públicos, pessoas, organizações e movimentos sociais. Estes atribuem prestígio e realçam a autoridade de grupos ou indivíduos, legitimando o seu status. Assim, ter o reconhecimento da imprensa é uma garantia de sucesso e de que algo ou alguém se distingue entre as massas anónimas. O papel de imposição social por parte destes meios vem da exposição e da denúncia quando existem desvios nas normas sociais, reafirmando-as de forma constante (p. 459-462). Mais à frente veremos como os media exerciam este poder na diáspora antes de 1948 e como o exercem na atualidade.

A esfera pública israelita, assim como a esfera pública dos judeus na diáspora, foi sempre influenciada por uma ansiedade existencial e crises permanentes, especialmente depois do Holocausto (Toledano & Mckie, 2013). Sendo que o Estado de Israel foi estabelecido depois desse acontecimento, esses sentimentos sempre estiveram presentes na sociedade israelita e a identificação do individuo com o coletivo é o núcleo da sociedade israelita (Shalit *apud* Toledano & Mckie, p.64).

O facto de os sionistas terem pensado no papel fundamental dos media para a implementação do seu projeto demonstra uma continuidade da necessidade da solidariedade judaica e a relação entre o individual e o coletivo. A ênfase atribuída ao

discurso da solidariedade, da união e do coletivo dominava a esfera pública na qualse incluía a imprensa hebraica. Este tipo de discurso levou a que existisse uma intolerância em relação a todo o discurso que era visto como uma ameaça à unidade judaica, o que acabou por afetar a imparcialidade do jornalismo em Israel. Os media israelitas funcionam sob aquilo que é apelidado de responsabilidade nacional pelo movimento sionista e pelo Estado israelita. Isto significa que essa responsabilidade, neste caso, passa por apoiar os interesses do coletivo que são definidos pelos líderes políticos e evitar controvérsias (Toledano & Mckie, 2013, p. 64-65).

Esta responsabilidade que foi atribuída inicialmente à imprensa judaica existente na diáspora e, mais tarde, à imprensa israelita, demonstra em que condições se desenvolveu a imprensa e as relações publicas israelitas. Os jornalistas definidos como responsáveis eram aqueles que funcionavam como porta-voz das lideranças sionistas e israelitas e, ao mesmo tempo que desempenhavam o papel de jornalistas, desempenhavam também o papel de propagandistas. Este modelo de funcionamento ainda é visível na imprensa israelita da atualidade (*Ibidem*, p. 66).

Nahum Sokolow é a grande figura da propaganda e do jornalismo em Israel. Conhecido como o pai do jornalismo em Israel, Sokolow produziu uma vasta propaganda sionista conhecida como *Hasbara*[8]. Enquanto jornalista, Sokolow utilizava a imprensa para promover a agenda política do movimento sionista e, deste modo, acabou por misturar o papel dos políticos, dos jornalistas e dos propagandistas na esfera pública israelita.

Após fundar o jornal hebraico *Hamevaser* na Turquia em 1908, Sokolow escreveu no seu jornal que "All my observations have led me to recognize that we can't act here but via the press. Anywhere else the press did not have that much influence." Assim, Sokolow definiu que a imprensa hebraica seria responsável pela educação

[8] A tradução da palavra hebraica *Hasbara* significa "explicação". A *Hasbara* é um método de propaganda utilizado pelo governo israelita e organizações sionistas para manipular a narrativa, manter a união dentro do Estado de Israel, deslegitimar todas as críticas feitas a Israel e manter o apoio de países aliados. Tanto internamente como externamente, Israel utiliza uma informação persuasiva e tenta, através da censura, que as pessoas tenham informação contraditória aos argumentos apresentados.

sionista e pela união nacional que, segundo Sokolow, era como devia funcionar o jornalismo.

A liderança sionista esperava que a imprensa hebraica adotasse o sentido de responsabilidade nacional e que promovesse os objetivos políticos do movimento sionista, sendo que esta expectativa foi correspondida por parte dos jornalistas que não se opuseram a este modo de funcionamento da imprensa, fazendo questão de se envolverem no movimento sionista e servi-lo. (*Ibidem*, p.67) Os jornalistas sentiam-se parte do sistema político em Israel devido a uma forte colaboração entre a imprensa e o sistema político. A partir desta colaboração, os jornalistas sentiam que estavam a contribuir para a construção de uma nação israelita, o que era motivador para eles.

Shamgar (1999) publicou uma reportagem onde os diz que os programas e noticiários televisivos eram uma versão israelita da *Pravda*[9]: "The viewers thought they were watching news; in reality this was entirely propaganda: the institutions commissioned the reportage, decided what would be filmed, what the speaker would say and they even paid for the job." (Shamgar *apud* Toledano & Mckie, 2013, p. 68).

Esta reportagem de Shamgar expôs ainda que o conteúdo que era apresentado ao público israelita era escolhido meticulosamente por políticos, oficiais do governo e por membros do Jewish National Fund. Esta colaboração entre os jornalistas e os líderes sionistas demonstra que a esfera pública judaica foi originada na tradição de colocar a unidade nacional e o interesse coletivo acima de tudo.

O mesmo aconteceu com a literatura hebraica, onde a criação de uma cultura nacional hegemónica tornou-se o critério principal na produção literária e cultural. Deste modo, os escritores e jornalistas israelitas sentiam-se responsáveis pela construção da nação israelita, ajudando a criar uma narrativa sionista hegemónica.

[9] O Pravda original foi criado em 1908, na cidade de Viena, por Leon Trotsky e representava as visões de um grupo de mencheviques ucranianos. Mais tarde, em 1912, os bolcheviques passam a publicar um jornal com o mesmo nome e organizado por Stalin. Ideologicamente, o Pravda da Rússia era liderado por Lénine. O Pravda reinicia as suas publicações após a revolução democrático-burguesa de fevereiro de 1917 e a partir março desse ano o Pravda começou a ser publicado como órgão do Comité Central e do Comité de Petersburgo do POSDR.

Foi esta manufaturação do consentimento que permitiu aos líderes do Estado de Israel mobilizar os seus cidadãos para um extenso serviço militar, para a absorção da imigração e para o sacrifício da sua própria vida pelo bem do Estado (Toledano & Mckie, 2013, p. 68-69).

Sendo as forças armadas o pilar mais importante para a construção nacional e para a unidade nacional em Israel, a imprensa desempenha um papel importante na manutenção do apoio da população em relação ao exército.

Segundo um estudo de opinião publica, os judeus israelitas têm um nível de confiança nas FDI e nos seus porta-vozes superior a qualquer outra instituição pública (Lebel *apud* Toledano & Mckie, 2013). Consequentemente, as críticas feitas ao exército e à sua forma de atuação são dificilmente aceites pela sociedade israelita.

Nos dias de hoje ainda é notório o uso que o governo faz da comunicação política para fins de educativos e de doutrinação. O governo israelita, usando os seus órgãos de comunicação muito próprios da *Hasbara*, controla muito daquilo que são as mensagens e o discurso público sendo que a censura é uma das ferramentas principais da *Hasbara* (*Ibidem*, p.259).

3. O papel das Forças Armadas na construção nacional

James Dobbins expõe que a construção nacional é o uso das forças armadas no desfecho de um conflito, de modo a cimentar uma contínua transição para a democracia. De seguida, Dobbins et al. (2007, p.xvii) argumenta que: “Nation-building, as it is commonly referred to in the United States, involves the use of armed force as part of a broader effort to promote political and economic reforms with the objective of transforming a society emerging from conflict into one at peace with itself and its neighbors.”

Harris Mylonas, argumenta que o processo de construção nacional é a construção deliberada de uma identidade nacional, onde as elites políticas constroem e impõem uma identidade nacional comum à população de um Estado que está a ser estabelecido (2010, p.83).

Para esta dissertação, a análise que Ojoajogwu faz sobre este conceito é essencial. Ojoajogwu acredita que uma nação tem por base pessoas de diversos contextos e vivências, tanto a níveis linguísticos, como culturais e, principalmente, religiosos. Assim, a construção nacional é concebida como um estado de desenvolvimento da nação, onde se criam as condições para que os seus cidadãos se sintam "confortáveis", ou seja, integrados, sentindo que fazem parte de algo superior. Na visão do autor, a religião fornece a plataforma perfeita para que tal aconteça. (Ojoajogwu, 2014, p.73)

No caso de Israel, a experiência militar foi o pilar da construção da nação israelita. Amnon Raz-Krakotzkin (1993), professor do Departamento de História da Universidade Ben-Gurion, afirma que "The only link to collective identity remains the military service and the spilling of blood, and militarism remains the basic, definitional characteristic of collective identity [in Israel]." (1993, p.32)

Desde o período Yishuv que os sionistas tinham percebido que só por via do uso da força conseguiriam reivindicar o seu direito à "terra prometida", que os judeus apelidam de *Eretz Yisrael*. Essa aplicação da força foi necessária para expulsar cerca de 750 mil habitantes árabes palestinianos, entre 1947 e 1949, para a conquista do território da Palestina, durante aquele que ficou conhecido como primeiro conflito israelo-árabe, e para a imposição de uma maioria judaica nos territórios ocupados durante este conflito.

Ben-Gurion, ex-primeiro ministro israelita, nos primórdios da história de Israel, notou que o sionismo tinha conseguido criar um Estado e um exército, mas que a criação da nação tinha falhado, atribuindo esse papel às Forcas de Defesa de Israel (FDI) (Bresheeth-Zabner, 2020, p.32). A criação das FDI foi, sem dúvida alguma, a tarefa mais importante para a nação que emergia e, nos dias de hoje, ainda é o que une o povo israelita, tanto que "Separating the military from the civic in Israel is impossible" (*Ibidem*, p.38)

Segundo Baruch Kimmerling (1993, p.200), o militarismo tem 3 grandes dimensões: a dimensão da força, a dimensão cultural e a dimensão cognitiva.
A dimensão da força acontece quando o exército, de forma direta ou indireta, toma o poder, por norma representado por altas patentes das forças armadas. É, então, o poder

militar que passa a impor a agenda política e as figuras militares são vistas como sendo superiores pela sociedade civil.

Já a dimensão cultural, como o autor a define, surge quando as forças armadas se tornam no pilar da identidade coletiva e passam a ser um dos símbolos mais importantes para o coletivo (p. 201-203). Essa influência é alimentada através de cerimónias militares, da construção de monumentos que celebrem vitórias (ou derrotas) militares, de música ou do cinema. Nos estados em que se verifica este tipo de militarismo, as guerras são vistas como necessárias e inevitáveis, e o serviço militar é visto como o ponto mais alto da vida de um membro do coletivo, que presta um serviço à sua pátria. Neste caso, não é o exército que exerce o poder, como na dimensão da força, porque quem governa são as elites políticas

A terceira e última dimensão é a cognitiva. Segundo Kimmerling, este tipo de militarismo acontece quando toda a sociedade, tanto a nível institucional como a nível psicológico, se orienta para um estado permanente de preparação para a guerra, já que esta é vista como essencial para defender a existência da coletividade em questão. O autor acrescenta ainda que este tipo de militarismo pode ser também apelidado de "militarismo civil", visto que é a sociedade civil que acaba por defendê-lo e implementá-lo. Este tipo de militarismo transcende a vida partidária e as alianças sociais já que, neste caso, as questões militares são vistas como o núcleo de segurança nacional e, portanto, os cidadãos colocam estas questões à frente das decisões económicas e da ideologia política (p.207).

Para Kimmerling, apenas duas destas dimensões são visíveis na sociedade israelita. O militarismo cultural existia sobretudo nos primórdios do estabelecimento do Estado de Israel, ainda que alguns elementos desta dimensão estejam ainda presentes na sociedade israelita.

O autor dá-nos o exemplo de um slogan que era bastante popular nos anos 50 e 60, em relação às FDI: "The guardian of Israel neither sleeps nor slumbers". Apartir deste slogan, Kimmerling chega à conclusão que, de certo modo, as IDF "substituíram" Deus, uma vez que o coletivo entendia que a sua própria existência era salvaguardada pelas forças armadas e os seus soldados (p.203).

O militarismo de que Israel é um exemplo perfeito é o militarismo cognitivo, observável através da importância social atribuída ao serviço militar e pela forma como a sociedade israelita está constantemente direcionada para a preparação de guerra. Os israelitas determinam o seu valor individual através da sua participação no serviço militar e pelo sacrifício que é feito em nome da segurança nacional. Como afirma o autor: "The identity of the state was, indeed, tied in large part to the military, and the armed forces represented a central element in the whole complex of 'sacred' secular aims, achievements and symbols associated with the new state" (*Ibidem*, p.207).

Isto vai ao encontro do que Bresheeth-Zabner defende, dizendo que o militarismo acabou por se tornar o modo preferencial de Israel para a resolução de conflitos e para a concretização dos objetivos nacionais (2020, p. 34).

3.1. Contextualização da situação militar antes de 1948

Em 1921, foi claro para o movimento sionista que encontrariam uma grande oposição em relação à sua ambição da criação do Estado de Israel na Palestina por parte do movimento nacionalista palestiniano que estava em crescimento e, por isso, seria impossível a criação de um Estado judaico na Palestina sem recorrer ao uso da força militar. (Bresheeth-Zabner, 2020, p.76)

O grupo paramilitar *Haganah* foi fundado em 1920, sendo o principal grupo paramilitar durante o período do Yishuv, entre 1920 e 1948, data do estabelecimento do Estado de Israel. Segundo Bresheeth-Zabner, as milícias judaicas foram recrutadas pelo exército britânico durante a revolta árabe na Palestina entre 1936 e 1939. Não estando preparados para lidar com a intensidade da resistência palestiniana, os britânicos recorreram às milícias judaicas que tinham um conhecimento mais aprofundado do interior do país e das cidades, dos locais de habitação da população árabe e, para além disso tudo, contavam com um serviço de inteligência que estava integrado na *Haganah*, o *Yedioth*, que tinha um mapeamento da população árabe existente na Palestina. Já nessa altura os serviços de inteligência da *Haganah* eram superiores aos dos britânicos e foi com a ajuda destas milícias que se conseguiu por fim à rebelião árabe. (*ibidem*, p.74-75)

Os anos 30 trouxeram novas formas de organização militar, especialmente em países como o Japão, a União Soviética e a Alemanha, que combinaram o exército a movimentos juvenis, tendo esses modelos um impacto em formações semelhantes na Palestina. Em 1936, a *Haganah* criou o batalhão Fosh (acrónimo para batalhão de campo), moldado pelo modelo europeu, e que tinha como modelo de atuação ofensivas militares rápidas a aldeias palestinianas durante a rebelião árabe.

Não muito mais tarde, em 1938, foi estabelecido o *Plugot Ha'Layla Ha'Meyukhadot*, referido de forma comum como SNS (acrónimo de Special Night Squads). O capitão Orde Wingate, um britânico pró-sionista, foi o criador deste batalhão. A sua unidade era composta maioritariamente por britânicos que apoiavam o movimento sionista e recebiam apoio do exército inglês. O conflito desencadeado pela rebelião árabe criou uma relação muito boa entre o exército britânico e a *Haganah*, levando a que as autoridades que exerciam o mandato sobre a Palestina permitissem a existência destas milícias ilegais, assim como importação de grandes volumes de armas por parte das mesmas. (*ibidem*, p.77)

A Segunda Guerra Mundial foi um período importante para o movimento sionista e para os seus objetivos militares na Palestina. É precisamente durante a Segunda Guerra Mundial que surge aquela que viria a ser a economia de guerra de Israel. É também neste período que surge o *Palmach*, em 1941, uma organização paramilitar pertencente à *Haganah*, e que previamente tinha sido o braço armado do partido Mapam. A *Palmach* foi idealizada como uma força nacional, mas gozava de unidades regionais autónomas. Por ter esse histórico de pertença ao Mapam, na comunidade *Kibbutzim* era costume que os homens se juntassem a esta organização. Ao contrário de outras milícias judaicas que agiam de forma mais civil, o objetivo do Palmach foi a profissionalização. Para tal, criaram bases permanentes e começaram a fazer treinos intensos, lançando as bases para um exército sionista profissional permanente (*ibidem*, p.81).

O grupo *Irgun* é criado em 1931 devido a uma cisão dentro da *Haganah* e tinha como base ideológica o revisionismo judaico criado por Jabotinsky. Uma das questões que era fundamental para Jabotinsky era o estabelecimento de brigadas armadas judaicas que

formassem parte da Guarda Britânica em *Eretz Yisrael* (Shavit, 1988, p.95). Jabotinsky entendia que só com uma força militar regular é que as relações entre o movimento sionista e a Grã-Bretanha poderiam satisfazer o interesse de ambos, especialmente o interesse do movimento sionista em criar um Estado para judeus no território palestiniano. Jabotinsky opôs-se à *Haganah*, alegando ser uma milícia ilegal, inefetiva e sem poder para influenciar o cenário político (*ibidem*, p.96).

O *Irgun*, constituído por membros de direita, foi a plataforma que, em 1948, levou à criação do partido conservador Herut que, juntando-se a grupos mais pequenos em 1973, deu origem ao atual Likud (Eisenstadt, 1985, p.173-174).

Outro grupo paramilitar importante na época do *Yishuv* foi o grupo *Lehi*. Este grupo nasce em 1940 fruto de uma cisão com o Irgun. Fundado por Avraham Stern, este grupo entendia que era tempo de reforçar a luta armada em relação aos britânicos, pois achavam que as relações diplomáticas com estes não serviam ao movimento sionista.

Apesar das diferenças ideológicas entre estes grupos militares, eles acabaram por se unir naquilo que seria o seu interesse superior: uma solução militar para o futuro estado israelita (Bresheeth-Zabner, 2020, p. 82). Todas estes grupos paramilitares acabaram por se dissolver nas atuais FDI após 1948.

3.2. Forças Armadas pós-48

As Forças de Defesa israelitas foram estabelecidas após a declaração de independência de 14 de maio de 1948. Como já referido anteriormente, a estrutura das FDI é adotada das organizações paramilitares existentes durante o período *Yishuv*, especialmente da Hagana.

As FDI são instituídas durante a primeira guerra entre Israel e os seus países vizinhos árabes, que não reconheciam a existência do Estado de Israel e a consequente ocupação do território palestiniano.
Após este conflito, e com a assinatura dos acordos de armistício, a liderança israelita

sentiu a necessidade de reestruturar as FDI, adaptá-la aos novos desafios que tinha pela frente e redefinir a sua estratégia militar (Barak & Tsur, 2012, p.214).

Desde a sua fundação que a principal função da FDI era, acima de tudo, a proteção e manutenção das novas fronteiras de Israel, a expulsão dos habitantes nativos da Palestina e uma estratégia militar ofensiva para com os seus países vizinhos. Mantendo o seu papel importante no processo de formação nacional em Israel, as FDI viriam a sofrer mudanças estruturais e um recentramento das suas prioridades militares.

Talvez uma das maiores mudanças tenha sido o forte investimento na área da cibersegurança e nos serviços de inteligência. O investimento nessas áreas vem do facto de maioria dos alvos a abater por Israel serem alvos não-estatais e devido à diminuição de capacidade de ataque e de ameaça real dos seus países vizinhos ao longo das últimas décadas (Jager, 2021, p.2).

O objetivo destas mudanças, segundo Benny Gantz, ex-vice-primeiro-ministro de Israel, era "… To create a smaller yet deadlier army". Deste modo, o principal objetivo militar de Israel passou a ser aumentar o controlo sobre áreas que consideram hostis e minimizar a capacidade de organizações militares ligadas à resistência palestiniana (*Ibidem*, p.15). Com esta reestruturação, atualmente, a dimensão dos militares na reserva e da conscrição militar diminuiu.

Contudo, a implementação do serviço militar obrigatório foi um passo importante para que a liderança sionista pudesse fortalecer o seu estado e atingir os seus objetivos.

Após o término da guerra de 1948, os dirigentes do Estado de Israel entenderam que o seu país se encontrava numa situação volátil e portanto, de forma a fortalecer a sua defesa militar, tornaram obrigatório para todos os cidadãos judeus, homens e mulheres, a partir dos 18 anos, que servissem nas Forças de Defesa Israelitas por um período mínimo de 30 meses.
Desta obrigatoriedade de prestar serviço militar ficaram excluídos os cidadãos israelo-palestinianos, com exceção dos Drusos e dos Beduínos que mais tarde, em 1956, viriam a poder integrar o exército israelita. Desta exclusão contam também homens judeus ultraortodoxos e todas as mulheres judias que tenham contraído matrimonio. A juntar

aos membros a cumprir serviço militar obrigatório, Israel conta com um vasto número de militares na reserva.

Assim que cumprem o serviço militar, é comum que os soldados integrem a reserva militar. Os reservistas são uma parte essencial para as FDI, principalmente porque, nas últimas 4 décadas representam cerca de 75% de toda a força militar humana existente em Israel (Weitz, 2007, p.98).
Este sistema de reserva é essencial para a manutenção da estrutura militar e para a conservação da conscrição militar nas FDI. Os reservistas são mobilizados, maioritariamente, em situações de emergência. A estrutura do acionamento destes reservistas está montada de modo que, em muito pouco tempo, as Forças de Defesa Israelitas consigam duplicar a sua força pronta para combate.
De modo que estes reservistas se mantenham em forma e com capacidade de participar numa guerra a qualquer momento, o governo israelita disponibiliza uma boa quantia monetária para que se treine e que se equipe os membros desta reserva militar.

Este modelo de mobilização foi desenvolvido pelo governo israelita após a guerra de 1948-1949 durante a qual observaram atrasos na mobilizaçao de todos os seus soldados e até que o exército atingisse a sua máxima força. (*Ibidem*, p. 99).

Desde o início da formação das FDI que a doutrinação dos seus soldados foi muito importante para as autoridades militares. Os líderes da nação israelita sabiam que era necessário convencer os seus soldados de que a única maneira de salvaguardarem a sua nação era pela via da força militar.

Deste modo, algumas das mentes mais brilhantes da área propagandística juntaram-se para produzir a doutrinação que criaria os soldados ideais aos seus olhos.
Só na primeira guerra de 1948, as FDI destacaram cerca de 764 sargentos e oficiais para atuarem na área da educação. Era a estes que cabia o papel de persuadir não só os seus soldados, como também a restante sociedade israelita, de que a forma mais eficaz de resolver os desafios que o movimento sionista enfrentava, principalmente no que toca à expulsão da população árabe no território que o recém-criado estado israelita

desejava ocupar, era manterem-se num estado permanente de guerra (Hazkani, 2015, p.21).

Uma vez que Israel era um estado recente e não tinha um mito fundador que unisse os vários emigrantes que viriam a constituir a população israelita e, por conseguinte, o seu exército, os oficiais do exército que tratavam da doutrinação utilizaram o único elemento que todos tinham em comum entre eles: o seu judaísmo.

Esta doutrinação do exército israelita começou muito antes da sua formação oficial. No período *Yishuv*, as organizações paramilitares sionistas, principalmente a Hagana, já tinham especialistas em *Hasbara* que treinavam os soldados em termos sociopolíticos.

Após o início da segunda guerra mundial foi implementado um departamento especializado em *Hasbara* (*Ibidem*, p.24). Este departamento focou-se sobretudo na publicação do jornal *Ma'arakhot*, que mais tarde se viria a tornar o jornal em que estava espelhado o pensamento militar das FDI.

A partir de 1948, com a obrigatoriedade do serviço militar e com o desenrolar da primeira guerra endossada por Israel, o papel deste departamento da *Hasbara*, que passou a funcionar dentro das FDI, tinha a tarefa de criar material propagandístico, principalmente panfletos e palestras, que seriam utilizados pelos chefes das várias divisões das FDI para doutrinar os seus soldados (*Ibidem*, p.26).

Bresheeth-Zabner, ex soldado israelita e autor da obra *An Army Like No Other: How the IDF Made a Nation*, argumenta que, em Israel, o serviço militar se inicia mesmo antes do nascimento. Ao contrário do que se possa pensar, a preparação para o serviço militar não começa apenas aos dezoito anos, em Israel começa bem antes disso.

Aos 14 anos, os jovens israelitas ingressam na Gadna, batalhões juvenis inicialmente criados pelo grupo paramilitar Haganah no início dos anos quarenta. Durante alguns dias, estes jovens vão para bases da Gadna, durante o período de aproximadamente uma semana, e é lá que têm o seu primeiro contacto real com o estilo de vida militar.

Numa entrevista ao *The Jerusalem Post*, o staff da base de Tzalmon disse que o programa da Gadna não se limita apenas ao treino físico. Segundo um membro do staff, uma boa

parte dessa semana é utilizada para informar os jovens, que mais tarde ingressarão no exército, sobre as unidades de combate existentes, o funcionamento das FDI e, acima de tudo, o porquê do serviço nas FDI ser tão importante para a sua nação. (Paz, 2008)

Também em entrevista ao *The Jerusalem Post*, o professor Daniel Bar-Tal, que leciona na Faculdade de Educação de Tel-Aviv, critica a existência da Gadna: "…The reality of the army entering schools, and even kindergartens, is unique to Israel. The military echelon in Israel has unlimited influence on Israeli society."
A preparação psicológica destes futuros soldados é ainda mais importante que a sua preparação física. Bresheeth-Zabner constata que esta preparação psicológica acontece bem antes dos 14 anos visto que é no seio familiar, ainda nos inícios de vida, que este *mindset* próprio de uma sociedade militarista começa a ser moldado.

Nurit Peled-Elhanan, autora do livro *Palestine in Israeli School Books*, expõe nesta obra que os manuais escolares em Israel manipulam o passado histórico, criando estereótipos e usando linguagem discriminatória para descrever o povo palestiniano (2012, p.66). Segundo o seu estudo, a autora concluiu que nos manuais escolares israelitas todas as ações do Estado de Israel e do seu exército são glorificadas e apresentadas como moralmente superiores. (*Ibidem*, p.70)

Uma vez que grande parte dos jovens israelitas não têm qualquer tipo de contacto com o povo palestiniano e que a maioria da informação que obtêm sobre estes é através da escola, a manipulação e o controlo da narrativa em relação às ações de Israel torna-se mais fácil. Por norma, assim que acabam o ensino obrigatório, estes jovens ingressam nas FDI e visto que o seu papel é principalmente a manutenção da ocupação do território e controlo e policiamento do povo palestiniano, os contextos e narrativas apresentados nos manuais escolares são cruciais para a sua visão e atuação em relação a estes. (*Ibidem*, p.64)

3.3. O papel da religião nas FDI

Como referido anteriormente, Ojoajogwu faz uma análise importantíssima sobre a plataforma que a religião oferece aos cidadãos para que se sintam integrados e parte de algo superior na sociedade.

Segundo Stuart Cohen, as Forças de Defesa Israelitas "makes no attempt to confinate religious themes to them domain of the army chaplain". Pelo contrário, vários padrões do judaísmo tradicional são intencionalmente incluídos em várias áreas da experiência militar em Israel (1999, p. 387).

Tanto Cohen como a investigadora na área do Médio Oriente e Estudos Militares, Hanne Røislien, concordam que a religião tanto pode ser um fator de integração nas forças armadas como um fator de segregação.

Hanne Røislien argumenta que a religião é um fator importante na integração social e que tem o potencial de reforçar os laços entre os indivíduos e a sociedade (2012, p.214). Røislien acrescenta ainda que uma das funções essenciais da religião é integrar aqueles que são os seus seguidores numa comunidade mais ampla e, dessa forma, a religião é um fator que contribui para a unidade social. Contudo, a unidade e o sentido de comunidade que a religião cria tem um preço: cria uma barreira entre "nós" e "eles" que define uns como *insiders* e outros como *outsiders* (*ibidem*, p.216).

As FDI dão ênfase à sua imagem como o exército do povo. Com a exceção da maioria dos cidadãos árabes, todos os jovens israelitas, quando atingem os 18 anos, têm de iniciar o serviço militar obrigatório. Depois do serviço militar obrigatório, os reservistas continuam a executar serviços obrigatórios até uma idade intermediária. O resultado disto é que servir nas FDI tornou-se a experiência mais partilhada entre a sociedade israelita (Cohen, 1999, p.388).

Cohen expõe que David Ben-Gurion sempre insistiu que o exército fosse um instrumento de construção nacional, tendo idealizado as FDI como uma instituição de união na qual a sociedade israelita fraturada seria homogeneizada. Por conseguinte:

> while the first mission of the IDF... Is the security of the State, that is not its only task. The Army must also serve as a pioneering educational force. ... Which will heal tribal and Diaspora divisions and implement the historic missions of the State of Israel, by building the homeland and making its deserts bloom (Ben-Gurion *apud* Cohen, p.388).

Consequentemente, a crença de Ben-Gurion influenciou a relação entre a religião e o serviço militar em Israel.

Hanne Røislien, na sua investigação sobre a religião e o serviço militar obrigatório em Israel, realizou algumas entrevistas com membros do 50th Battalion.

Apesar deste batalhão ser de um grupo secular, os seus membros assumem existir uma marca muito forte da cultura judaica no seio das FDI. Tzvi, um judeu Ashkenazi entrevistado pela autora, quando questionado sobre o que significava para ele o facto das FDI não serem meramente um exército israelita, que sejam também um exército judaico, respondeu da seguinte forma:

> Everything. I am secular, but ... It is what we do, you know. But I really wanted to. I am very proud of the army ... Really. You know, we are Jews. So, taking religion away from the IDF... you can't. You would take us away. It is not just a job, you know. [...] But for us Jews it is more than that. For us it is a moral issue, it is a Jewish issue.

A partir de respostas semelhantes à de Tzvi, a autora desta investigação conclui que tais exemplos demonstram como os soldados israelitas evocam o judaísmo como o elemento central da construção identitária nas FDI (2012, p.220).

Se seguirmos a visão de Abraham Lincoln em relação à religião, "a realization of the eternal values of life under God through human experience." (Lincoln *apud* White, 1919, p.167) restam poucas dúvidas que o judaísmo se fundiu na instituição que são as FDI, não apenas como um fator étnico como também para manter aspetos da tradicionais da religião. Isto pode ser verificado em vários momentos.
Começando pelo fato de que o emblema das FDI é uma espada, envolvida num ramo de oliveira, dentro da Estrela de David, dando a entender que as FDI simbolizam a religião e a cultura judaicas (*ibidem*, p.225).
A isto juntamos o Military Rabbinate, criado em 1949, que inicialmente tinha a simples e limitada tarefa de dar conselhos sobre questões religiosas. Nos dias de hoje, já é uma formação militar a funcionar em pleno, com o seu próprio distintivo. Está completamente integrado no exército e representado em cada unidade com um oficial

de assuntos religiosos que atende as necessidades religiosas das unidades e dos seus soldados (Cohen, 1999, p.389).

Também é notório que as FDI seguem o calendário judaico ortodoxo e celebram todas as festividades religiosas, não apenas as seculares ou com caráter nacional. Deste modo, as FDI dão-nos várias indicações de que a religião é um grande fator na construção e manutenção do exército (Røislien, 2012, p.226).

4. O uso das redes sociais por parte das FDI

O conceito de redes sociais foi utilizado pela primeira vez numa conferência em Tóquio no ano de 1994. Entretanto, desde essa data até aos dias de hoje, o uso das redes sociais aumentou de forma exponencial acompanhado de uma grande evolução das mesmas.

Não existe apenas uma definição de redes sociais; só o website *The Social Media Guide* (2011) apresenta 50 definições de vários autores sobre este conceito. Para este trabalho usaremos a definição de Kaplan e Haenlein que apresentam as "Redes Sociais" como "A group of Internet-based applications that builds on the ideological and technological foundations of Web 2.0, and that allows the creation and exchange of user-generated content" (2010, p.61).

Segundo a categorização das formas de redes sociais existentes de Kaplan e Haenlein, os blogues, onde é comum a partilha de textos longos e imagens, foi o primeiro formato que existiu de redes sociais e apesar da passagem do tempo ainda é dos mais utilizados. As plataformas de redes sociais mais utilizadas por todo o mundo nos dias de hoje, e que serão as que analisaremos também neste trabalho, são as *Social Networking Sites* das quais fazem parte o Instagram, Twitter e Facebook. Estas baseiam-se acima de tudo na construção de relações interpessoais e na partilha de conteúdo em vídeos, imagens e texto criados pelo próprio utilizador. Nos dias de hoje, as redes sociais têm uma capacidade extraordinária de conectar as pessoas, de as influenciar e de as mobilizar, especialmente aquelas que pensam da mesma forma, e por isso são cruciais para a

propaganda política, seja a partir de organizações e grupos ativistas ou por parte de Governos e exércitos pelo mundo fora (Harrington, 2016, p.3).

Um dos episódios que levou Israel a repensar o seu uso das redes sociais e a fazer um investimento massivo em estratégia nos novos media foi o ataque por parte das FDI à *flotilla* "Free Gaza" em 2010. Nessa altura, as FDI já tinham presença no Twitter, Youtube e Facebook, mas estavam longe de ser a máquina de propaganda nos meios digitais como o são sensivelmente desde o ano de 2012.
O ataque com uma violência desproporcional à *flotilla,* que tentava romper o bloqueio em Gaza, foi alvo de muitas críticas quando os membros a bordo dessa embarcação partilharam as imagens do sucedido nas redes sociais. Amir Mizroch (2010), jornalista israelita, fez duras críticas ao modo como as FDI não tinham uma forte capacidade comunicacional nas redes sociais: "…they [FDI] should have known that many in the incoming flotilla were armed with cameras, cellphones, blogs and Twitter accounts. For a country so technologically advanced, and with such acute public diplomacy challenges, to fail so miserably at preparing a communications offensive over new media is a failure of strategic proportions".
A demonstração de capacidade de mobilização política pelo meio das redes sociais foi tão nítida durante as revoltas da Primavera Árabe que, no ano de 2012, no rescaldo das revoltas, as FDI passaram a utilizar as redes sociais como fonte primária para noticiar as sucessivas invasões em Gaza. Em 2012, na invasão a Gaza que ficou conhecida por *Pillar of Defense*, as FDI utilizaram as suas redes sociais, especialmente o Twitter, para postar em tempo real atualizações e informação sobre operações durante essa invasão. Sacha Dratwa, diretor da unidade mídias digitais entre 2010 e 2012, confirmou o sucesso da estratégia de guerra aplicada às redes sociais alegando que "This was the first time the foreign media asked more questions about our Twitter activity than about our bombings in Gaza" (Dratwa *apud* Shamah, 2013).

Contudo, a análise que fazemos neste trabalho começa no ano de 2014, indo até 2024, visto que é a partir de 2014 que realmente podemos verificar o uso recorrente dos temas que decidimos analisar. Até então, os posts colocados nas redes sociais das FDI faziam maioritariamente referencia a operações militares, como é o exemplo da figura

1. A partir de 2014, começamos a ver o uso sistemático de temas como o Holocausto, direitos LGBT, direitos das mulheres e multiculturalidade e religiosidade, que foram o nosso foco por serem temas que constroem uma determinada imagem em relação a Israel e ao seu povo, especialmente no exterior, apesar de não se referirem diretamente à sua identidade.

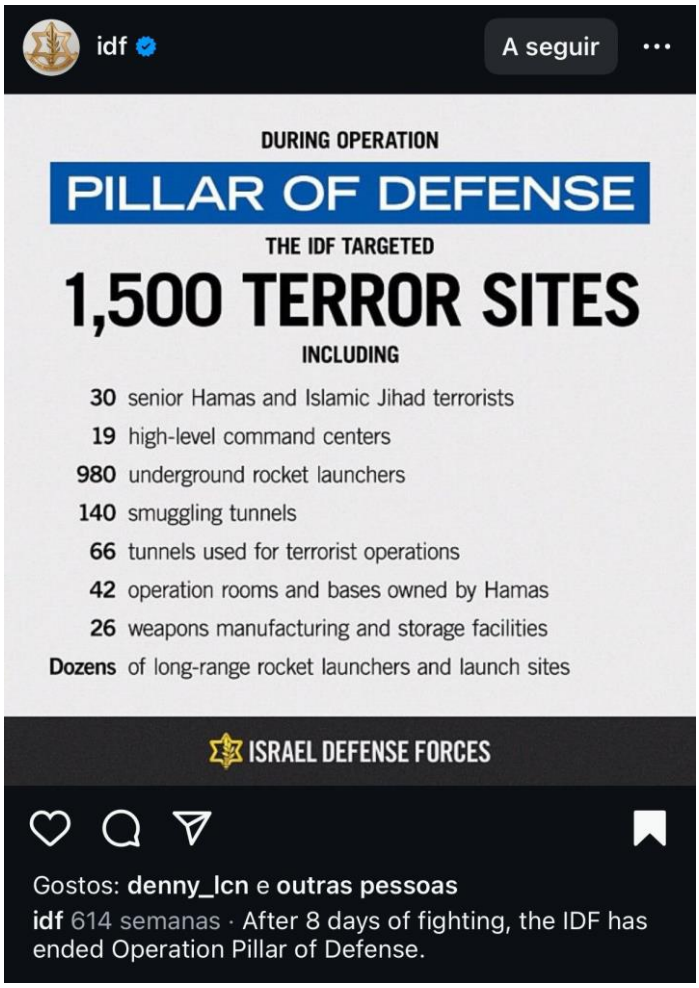


Figura 1. Publicação no Instagram das FDI durante a invasão a Gaza que ficou conhecida como Pillar of Defense. Reimpressa do Instagram @idfonline. Publicada a 22 de novembro de 2012. Obtida de https://www.instagram.com/p/SUzz6HDPsu/ em agosto de 2024.

O ativista tunisino, Sami Ben Gharbi afirma que, apesar de as redes sociais não terem sido o instrumento principal que despoletou esta revolta em alguns países árabes, elas foram um instrumento essencial na comunicação entre os manifestantes e o resto do

mundo. A partir destas redes, os manifestantes dos vários países em que ocorreram estas revoltas poderiam partilhar rapidamente informação entre si, combinar atos de resistência e partilhar com os utilizadores de outros países aquilo que estava a acontecer. A democratização do acesso à internet e consequentemente das redes sociais, apresentaram novos desafios para o estado israelita, que sempre teve uma grande preocupação com a sua imagem a nível internacional. A partir deste momento, qualquer cidadão também poderia fazer jornalismo e mostrar ao mundo aquilo que se passava ao seu redor.

A unidade de porta-vozes das FDI, unidade destacada apenas para efeitos propagandísticos, existe desde o ano de 1948, ou seja, desde a existência do exército israelita, tendo sempre tido um papel importante por tratar de todo o tipo de comunicação relacionada com as FDI e, consequentemente, do estado israelita. Esta unidade foi desenvolvendo e crescendo gradualmente até 2008, ano em que se tornou na maior unidade de porta-vozes em Israel contando com cerca de 400 oficiais no ativo e 1,200 na reserva (Gilboa & Shai, 2011 *apud* Hirschberger, 2021, p.100). Segundo a Jewish Virtual Library, atualmente esta unidade é composta pelas seguintes divisões: *Domestic Press Liaison, Foreign Press, Public Relations, Film, Video and Photography Unit, Information Bureau, Initiatives and Planning e Organization and Training.*

Destas consta ainda a divisão *Think Tank* que funciona periodicamente, principalmente em períodos de guerra, formada por reservistas que são especialistas na área da comunicação e que serve acima de tudo para planear estratégias de comunicação a longo prazo. (Jewish Virtual Library, 2024).

Às outras unidades enumeradas compete a relação com a imprensa doméstica e internacional, a monitorização do que é transmitido na imprensa internacional, as relações com o público em geral, a produção de propaganda em formato audiovisual, a produção de conteúdo e a gestão de redes sociais, etc.

Ao longo dos anos tem havido um crescimento cada vez maior desta unidade, especialmente na divisão que trabalha com as redes sociais, que no início da sua criação contava com um número bastante reduzido de funcionários e de tecnologia. Entretanto,

a divisão de comunicação externa foi a que mais ganhou destaque na unidade de porta-vozes, onde "…more staff is employed to take care of the external communication on social media than for domestic communication" (Hirschberger, 2021, p.101).

Em Israel, as redes sociais foram utilizadas acima de tudo por parte do governo para intensificar o militarismo presente na sociedade israelita e para ações de propaganda para o público geral em qualquer parte do mundo.
Adi Kuntsman e Rebbeca L. Stein, na sua obra escrita em conjunto com o título *Digital militarism: Israel's Occupation In The Social Media Age*, alegam que o militarismo digital em Israel foi-se desenvolvendo a partir do ano de 2008 até atingir a sua normalização em meados de 2014, continuando em crescimento desde essa altura até aos dias de hoje. Sendo essa a altura em que o acesso à internet e a tecnologias digitais se tornou maior, o militarismo que já existia na sociedade israelita passou também a refletir-se no mundo digital, dando origem ao que os autores apelidam de "militarismo digital" (2015, p.8).

Como já vimos anteriormente, segundo Baruch Kimmerling (1993), o militarismo existe em 3 dimensões: a dimensão da força, a dimensão cultural e a dimensão cognitiva, conceitos que demonstram a constante sensação de ameaça à sua segurança, a constante preparação militar e a permeabilidade da sociedade israelita à vida militar. A essas 3 dimensões, estes autores acrescentam a digital, pois que acreditam que o militarismo moldou completamente a cultural digital, especialmente das redes sociais, em Israel.

Um dos primeiros exemplos deste fenómeno, observável entre os utilizadores das redes sociais em Israel, foi em novembro de 2012, durante um dos vários ataques à Faixa de Gaza por parte do exército israelita, em que os soldados postaram *selfies* enquanto esperavam para entrar no campo de guerra. Estas imagens "reinstalled a familiar Israeli iconography of militarism" (Kuntsman e Stein, 2015, p.13). Essas *selfies* vinham ainda acompanhadas de descrições como "Ready to defend my country", o que para os autores vai ao encontro do *modus operandi* israelita: "killing in the name of national security, eradicating enemies and returning unharmed" (*Ibidem*, p.13).

No que toca ao uso das redes sociais por parte do governo e dos oficiais do exército, as FDI entenderam desde cedo que era importante utilizar os meios disponíveis para além dos media tradicionais, porque poderiam passar, dessa forma, a sua mensagem e narrativa de forma mais rápida e mais abrangente. Sasha Dratwa, ex-diretor da secção *New Media* integrada na unidade The Spokesperson's dentro das FDI, numa entrevista concedida no ano de 2011, afirmava a importância que tinha para as FDI utilizar estes meios, comparando a importância da sua presença nas redes sociais a estar no campo de batalha: "Computers and keyboards are the weapons, Facebook and Twitter are the battlefields. It is there that we fight, each and every day" (Dratwa *apud* Ronen, 2011).

Foi durante a invasão a Gaza de 2012 que se verificou o crescimento do uso das redes sociais por parte dos oficiais das FDI para publicar informação e propaganda. Essa invasão ficou conhecida pelos órgãos de comunicação social internacional como "Israel's first social media war" e revolucionou completamente a maneira como Israel passou a refletir a imagem das FDI e das suas decisões nas várias plataformas digitais existentes.

Segundo Antony Loewenstein, jornalista de investigação e autor do livro *The Palestine Laboratory: How Israel Exports the Technology of Occupation around the World*, foi durante essa invasão de Gaza que Israel começou a perceber que, no Ocidente, as pessoas estariam a mudar a sua perspetiva positiva em relação às FDI e as suas ações. Sempre muito dependentes da validação de países ocidentais e da sua aprovação, as FDI fizeram um grande investimento para ganhar a guerra da opinião pública, contando pelo menos com uns 70 agentes e cerca de dois mil soldados para criarem e difundirem propaganda em várias redes sociais.

Esta propaganda, até aos dias de hoje, é voltada não só para público global como também para o público de Israel, com a intenção de criar "a mass conscription to the cause through the weaponization of social media" (Lowenstein, 2023, p.78).

Esta necessidade de constante validação internacional faz com que as FDI tenham uma característica muito especial dentro da sua máquina de propaganda online que é a existência de contas em várias línguas e com conteúdo gerado especificamente para o público que não vive em Israel. Segundo uma pesquisa realizada na rede social Twitter

(uma das mais utilizadas pelas FDI) a 14 de maio de 2024, as FDI têm várias contas que postam em 7 línguas diferentes: Russo (@Idfrussian), farsi (@IDFFarsi), espanhol (@FDIonline), francês (@Tsahal_IDF), em inglês (@IDF) e em hebraico (@idfonline).

Neste trabalho, decidimos focar a nossa análise em 4 temas em concreto: Holocausto, direitos LGBT, direitos das mulheres e multiculturalidade. Apesar de através destes temas Israel não dizer de forma direta que a identidade israelita se baseia nestas questões, são os temas escolhidos pela propaganda israelita para passar uma imagem a nível internacional de estado progressista e tolerante, aproximando-se dos ditos valores ocidentais, e apresentando-se como o oposto dos países árabes da sua zona geográfica.

4.1. Holocausto

Dos materiais produzidos para efeitos de propaganda online, um dos temas mais comuns é a alusão ao Holocausto nazi e consequentemente o direito que os judeus teriam à terra que o Estado israelita ocupa atualmente, como Loewenstein (2023) já tinha defendido: “The unstated goal of the IDF information strategy is weaponizing Jewish trauma in the service of perpetuating occupation”.

Como podemos ver nas figuras 2, 3 e 4, é comum que a propaganda israelita coloque vítimas do Holocausto nazi juntamente com membros das FDI, passando a imagem de que a única maneira de evitar que um evento semelhante volte a acontecer depende da existência de um Estado judaico com umas forças armadas fortes. Segundo Robert S. Wistrich, “the notion of Israel as the guardian and heir of the Holocaust memory has steadily gained ground as a new unifying myth, alongside religion and nationalism.” O autor acrescenta ainda no seu trabalho de investigação que, desde 1973, o Holocausto substituiu os mitos fundadores do Estado de Israel para passar a ser a sua *raison d'etre*. (1997, p.19).

Figura 2. Publicação no Instagram das FDI com propaganda alusiva ao holocausto. Reimpressa do Instagram idfonline. Obtida de https://www.instagram.com/p/CrIn-b0qNCF/ em julho de 2024.



Figura 3. Publicação no Instagram das FDI com propaganda alusiva ao Holocausto. Reimpressa do Instagram @idf e @idfonline. Obtida de https://www.instagram.com/p/Cn6v9HWNXeU/ em julho de 2024.



Figura 4. Publicação no Instagram das FDI onde uma soldada das FDI aparece junto a uma sobrevivente do Holocausto na celebração do Remembrance day. Publicada a 27 de janeiro de

2014. Reimpressa do Instagram @idf. Obtida de https://www.instagram.com/p/C2nE3X1IoNU/ em agosto de 2024



O Holocausto não vai ser apenas utilizado pela liderança sionista para fortalecer a identidade judaica em Israel: também começou a ser utilizado, até aos dias de hoje, como a maior arma propagandística para o governo israelita de forma a proteger-se das críticas internacionais em relação à invasão e ocupação do território palestiniano e do seu povo.

É comum ouvirmos os líderes israelitas a compararem os palestinianos, grupos de resistência armada, e pessoas que defendem a causa palestiniana com nazis. Exemplo disso é que, a 17 de outubro de 2023, ao lado do Chanceler alemão, Olaf Scholz, o atual primeiro-ministro israelita Benjamin Netanyahu afirmou que o Hamas são os “novos

nazis" e que seria necessário que o mundo se unisse para derrotar os Nazis. Mais recentemente, a 6 de maio de 2024, Netanyahu disse que o Hamas era movido por "the same intention of the Nazi gangs who murdered a third of our people".

Esta retórica de comparação constante entre aqueles que Israel considera serem seus inimigos e os nazis pretende criar uma fantasia de luta contra os nazis que, tendo sido os perpetradores de uma das maiores tragédias da história, passa a justificar o uso de qualquer meio, quebrando leis e convenções, para os eliminar (Segal, 2023).

Todavia, o uso do Holocausto não tem o mesmo efeito no público global e no público nacional. Se, para os israelitas, o Holocausto é um pilar importante da sua identidade nacional e veem o Estado israelita como uma garantia da sua segurança, para o público global, especialmente o público europeu, esse discurso funciona no seu "sentimento de culpa". Este complexo de culpa encaixa perfeitamente na retórica da liderança sionista, segundo a qual Israel é o único lugar onde os judeus podem existir em segurança, e funciona de duas maneiras: o apoio incondicional que é dado a Israel por parte da União Europeia, independentemente da situação, e a defesa que fazem das ações do Estado de Israel em praça pública, rejeitando qualquer tipo de crítica aos atos praticados pelo governo israelita e o seu exército (De Martino, 2024, p.55).

Esse apoio à existência do estado de Israel e sua defesa é ainda mais notório na Alemanha, o país onde naturalmente mais se verifica o complexo de culpa em relação ao Holocausto como a jornalista judia Emily Dische-Becker, citada por James Jackson no jornal *Hypen*, referiu, a existência de um estado para judeus é "…The Holocaust's happy ending for Germans. Anything that gets in the way of that narrative, like the occupied Palestinian territories, doesn't fit into the redemptive aspect of Israel for post-holocaust Germany." (Dische-Becker *apud* Jackson, 2023)

No entanto, é difícil perceber se este uso abusivo da memória do Holocausto para fins propagandísticos funcionará no futuro ou se Israel terá de adaptar a sua estratégia. Como defende Claudia De Martino (2024), é visível um desgaste sobre o tema do Holocausto no público europeu, como se confirma segundo o estudo levado a cabo pela Anti-defamation League (ADL), em que uma grande parte dos questionados concorda

com a seguinte afirmação: “Jews still talk too much about what happened to them in the Holocaust”.
Os países onde se verificou uma maior percentagem de entrevistados a concordarem com esta afirmação são a Áustria, onde 44% dos entrevistados concordaram, a Alemanha, com 42%, e a Bélgica, com 40%.

Outro problema que Israel poderá enfrentar é que a Gen-z, grupo constituído por indivíduos nascidos entre 1997 e 2010, têm demonstrado cada vez mais não acompanharem a narrativa de Israel e apoiarem o lado palestiniano devido “a shift in the 'collective consciousness' of an entire generation that no longer normalises the relationship with an oppressive occupier similar to Israel” (Buheji, 2024, p.7). Há dados que comprovam esta mudança de perspetiva em relação a Israel. A população na faixa etária entre os 45 anos ou superior simpatiza mais com o lado israelita, refletindo uma percentagem de 75%; já a Gen-z e os Millennials (nascidos entre 1981 e 1996) têm uma percentagem de 50% dos entrevistados que simpatizam com o lado palestiniano.

Figura 5. Publicação no Instagram das FDI com uma imagem alusiva ao holocausto no Remembrance day. Reimpressa do Instagram @idf e @fdionline. Obtida de https://www.instagram.com/p/1f6wc6DPpc/ em agosto de 2024.



4.2. Multireligiosidade e Multietnicidade

A diversidade religiosa e étnica são dos temas mais utilizados pelas FDI no seu esforço de propaganda online. As tensões religiosas e étnicas que podemos verificar na sociedade civil também se manifestam, naturalmente, dentro das FDI.

No final do ano de 2022, segundo o Central Bureau of Statistics of Israel, cujos dados foram publicados no *The Times of Israel*, a composição da sociedade israelita por religião e etnia, mostrava-nos que 73.9% da população total israelita é judia, 21.1% são árabes, e 5.0% estão na categoria definida como "outros" onde se incluem membros de outras religiões não listadas ou pessoas sem crença em nenhuma religião.

Analisando estes dados, é notório que estamos perante uma maioria que segue a religião judaica e/ou se identifica como judaica, o que vai ao encontro do objetivo da criação do estado de Israel. Contudo, não podemos ignorar que há uma percentagem considerável de cidadãos que pertencem outros grupos étnicos e religiosos. Estes

grupos, como veremos mais à frente, queixam-se frequentemente de que são tratados como cidadãos de segunda e que se sentem discriminados, especialmente em questões socioeconómicas e na ascensão a alguns postos de liderança dentro das FDI.

Em relação à religião, sendo o Estado de Israel, de acordo com a sua declaração de independência, um estado judaico, a liberdade religiosa de grupos minoritários fica comprometida levando à segregação e discriminação desses grupos.

Como referido anteriormente neste trabalho, a religião tanto pode ser um fator de integração, como é para os cidadãos israelitas judeus, como pode ser um fator de segregação, como se verifica na relação do estado com cidadãos muçulmanos, cristãos, circassianos e drusos.

Sobre esta questão, a investigadora Hanne Eggen Røislien argumenta que a religião tem "… the ability to integrate its followers into a larger community. Religion is thus a factor which contributes to social unity. This unity, however, comes at a price: it contributes to creating a boundary between ''us'' and ''them,'' defining some as outsiders and others as insiders." (2012, p.216)

Neste caso, os grupos minoritários em Israel queixam-se de discriminação nas áreas socioeconómica, habitacional, educacional etc., queixas essas que aumentaram depois da polémica lei aprovada no Knesset, em 2018, conhecida como "nation-state", e que declara Israel como "the national home of the Jewish people." Esta lei estipula que apenas os cidadãos israelitas judeus têm direito à autodeterminação e retira ao árabe o estatuto de língua oficial, que tinha até então juntamente com o hebraico, passando apenas a ter um estatuto especial.

Ainda sobre esta lei aprovada em 2018, o deputado Saleh Saad, do partido Zionist Union, argumenta que "the minority in Israel suffers from discrimination in every field – planning, construction, culture, sports, education and other fields – this law is an explosive barrel that is about to explode in the State of Israel's face" (Saad *apud* Knesset, 2018).

Segundo a Association for Civil Rights in Israel (ACRI), a população árabe que habita em Israel sofre de discriminação em vários aspetos da sua vida e, nos últimos anos, a hostilidade para com a comunidade árabe tem aumentado, sendo os seus membros normalmente vistos como uma ameaça demográfica para Israel e para a sua condição de estado judaico. A ACRI acrescenta ainda a informação de que mais de metade das famílias pobres em Israel são famílias árabes (ACRI, 2024).

Já em relação às comunidades de Drusos e Circassianos, a sensação de discriminação é igualmente grande. A 30 de junho de 2024, Drusos e Circassianos, grupos que cumprem o serviço militar obrigatório, protestaram em frente ao gabinete do primeiro-ministro para exigir uma maior igualdade de direitos. A mesma comunidade já se tinha manifestado em 2028, aquando da adoção da "Nation-state law", por considerarem que a nova lei não contemplava os sacrifícios feitos pela comunidade em prol da segurança do estado. (Kern, 2018). Não muito diferente dos valores da população árabe, a percentagem de pobreza entre a comunidade de drusos é de 38%.

Outro grupo que é alvo de grande discriminação em Israel são os Judeus Mizrahim, judeus oriundos do Norte de África e do Médio Oriente. A discriminação sentida por este grupo não tem relação com a religião, visto que são judeus, mas sim racial. A discriminação sentida por estes cidadãos, especialmente no seio das FDI, vem desde a formação do estado israelita.

Segundo uma peça de investigação jornalística do jornal israelita *Haaretz*, foram encontradas centenas de cartas escritas por militares marroquinos, dirigidas às suas famílias, onde descrevem todo o racismo e discriminação que sofreram no recém-criado Estado de Israel. Numa das cartas, encontradas e analisadas pelo historiador israelita Shay Hazkani, consta o desabafo de um soldado oriundo do norte de áfrica em relação ao racismo que se fazia sentir por parte de judeus Ashkenazim "The European Jews, who suffered tremendously from Nazism, see themselves as a superior race and the Sephardi [Mizrahi] Jews as belonging to an inferior one." Influenciados por oficiais sionistas em Marrocos a fazer a *Aliyah* para Israel, estas cartas, que outrora foram censuradas e escondidas pelos oficiais da censura, os judeus Mizrahim aconselham os seus familiares

a não imigrarem para Israel, onde não são tratados com dignidade devido à sua origem (Aderet, 2021).

Também publicado pelo jornal *Haaretz*, um artigo que vai buscar a análise feita por um oficial britânico no ano de 1951 sobre o tratamento de judeus Mizrahim nas FDI, demonstra-nos que o problema de discriminação racial sempre esteve presente em Israel e, especificamente nas FDI, não obstante a importância atribuída por Ben-Gurion a esta instituição na formação da identidade nacional (Hazkani, 2015).

Nesta análise, Ezra Aaronson, mostra-nos que a elite israelita era dominada pelos judeus Ashkenazim, que acreditavam firmemente serem superiores aos judeus Mizrahim, uma crença que chegaria às chefias do exército israelita. Segundo este artigo, em 1965, Ben-Gurion deu uma entrevista à revista *Look* onde afirmou "[Jews] from Morocco had no education. Their customs are those of Arabs. […] The Moroccan Jew took a lot from the Moroccan Arab, and I don't see much we can learn from the Moroccan Arabs. The culture of Morocco I would not like to have here." (Aaronson *apud* Hazkani, 2015).

Aaronson realizou um trabalho de campo, onde teve contacto direto com judeus Mizrahim e percebeu que havia uma grande insatisfação por parte desta comunidade dentro das FDI. Este problema foi levantado e colocado às chefias do exército israelita dessa altura, que colocaram este estudo de lado, afirmando que a discriminação que se fazia sentir no meio das FDI não era relevante ou, pelo menos, superior aquela existente na sociedade.

Apesar da hostilidade que os cidadãos pertencentes a outras religiões e etnias enfrentam em Israel, sendo as FDI o lugar mais importante para a construção e manutenção da identidade nacional em Israel, as lideranças israelitas tentam passar a ideia de que nas suas forças armadas não existe qualquer tipo de segregação ou exclusão em relação a minorias religiosas e étnicas, afirmando nas suas publicações online que todos eles representam o Estado de Israel.

Figura 6. Publicação na rede social X das FDI onde nos é apresentada uma mulher árabe e muçulmana a receber uma promoção dentro das FDI. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/1433129918800486402 em julho de 2024



Figura 7. Publicação na rede social X das FDI onde temos um post que nos apresenta 3 mulheres de religiões diferentes a servir nas FDI. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/1475495450090389510 em julho de 2024



Figura 8. Publicação no Instagram das FDI onde celebram a semana da diversidade. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de



As figuras 6, 7 e 8 servem para exemplificar o tipo de propaganda que é feita pelas FDI online em relação à multireligiosidade e multietnicidade existente nas FDI. Juntando os dados que foram apresentados ao longo deste trabalho, é possível perceber que, apesar de existirem várias religiões e etnias aceites nas FDI, algumas delas em regime voluntário, estas comunidades não gozam da mesma igualdade de oportunidades na sociedade e consecutivamente nas FDI, sendo os seus soldados por norma colocados em batalhões onde existe uma concentração excessiva de pessoas da mesma origem étnica ou religiosa.

Na figura 6, o post publicado pelas FDI passa a ideia de que o género, a religião e a etnia não são um entrave à ascensão dentro das FDI. Esta narrativa contraria o que aqui foi analisado, onde cidadãos israelitas pertencentes a minorias étnicas e religiosas se queixam, desde a guerra da independência, de discriminação por parte dos seus colegas e de falta de oportunidades dentro das próprias FDI.

Já na figura 7, a publicação apresenta-nos 3 mulheres de diferentes religiões a servirem nas FDI em conjunto, terminando com a frase "This is the real history of Israel". Essa frase é usada regularmente nos *posts* que as FDI colocam a celebrar a multireligiosidade

e a multietnicidade. Com esta frase, Israel quer passar a ideia de que o Estado de Israel sempre foi inclusivo e que, desde o início da sua história, a diversidade religiosa e étnica foi respeitada. Tal não é a realidade, ainda nos dias de hoje, especialmente depois da aprovação da lei "nation-state", que afirma claramente Israel como uma terra para judeus e onde apenas estes têm o direito à autodeterminação.

A análise da figura 8 não difere muito da análise apresentada em relação às figuras 6 e 7. Querendo contrariar constantemente a acusação de que é um estado de apartheid, existe um esforço por parte da propaganda de Israel para mostrar a diversidade existente nas FDI. A figura 8 é apenas um exemplo de uma semana que é celebrada todos os anos nas redes sociais da FDI com a *hashtag* #IDFDiversityWeek, onde colocam a história de soldados drusos, muçulmanos, árabes, circassianos etc. que servem nas FDI.

Com isto podemos concluir que, apesar de ser factual que os cidadãos de várias etnias e crenças religiosas podem servir na FDI, isso por si só não garante que exista igualdade de oportunidades quando comparados com os judeus Azkenazi.

A identidade do Estado de Israel e das FDI está moldada sob os valores ocidentais, como afirmou o Coronel Gideon Schocken: "The skeleton of the army derives from Western cultural values, whereas this framework is [now] filling up largely with people who are alien to it and to those values." (Schoken *apud* Hazkani, 2015). Deste modo, é necessário garantir que existe sempre uma maioria que exerce o poder dentro das FDI que tenha origem ocidental.

Figura 9. Publicação no Facebook das FDI onde é celebrado o feriado Prophet al-Khader, celebrado pelos drusos. Reimpressa da conta Israel Defense Forces da plataforma Facebook. Publicada em janeiro de 2022. Obtida de https://www.facebook.com/idfonline/posts/pfbid02JqrxWNNDE7HGw9N1Mzzj7Jp4NCpFHDv5emGQzMisg8UNEK7Z4UsLPVeCpEWFBafSl?rdid=lefLa7n9P2huf01V



Figura 10. Publicação no X das FDI onde celebram a semana da diversidade. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/437999348027113472 em agosto de 2024.



Figura 11. Publicação no X das FDI onde nos apresentam um soldado árabe e muçulmano. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/1495436548929724426 em agosto de 2024.

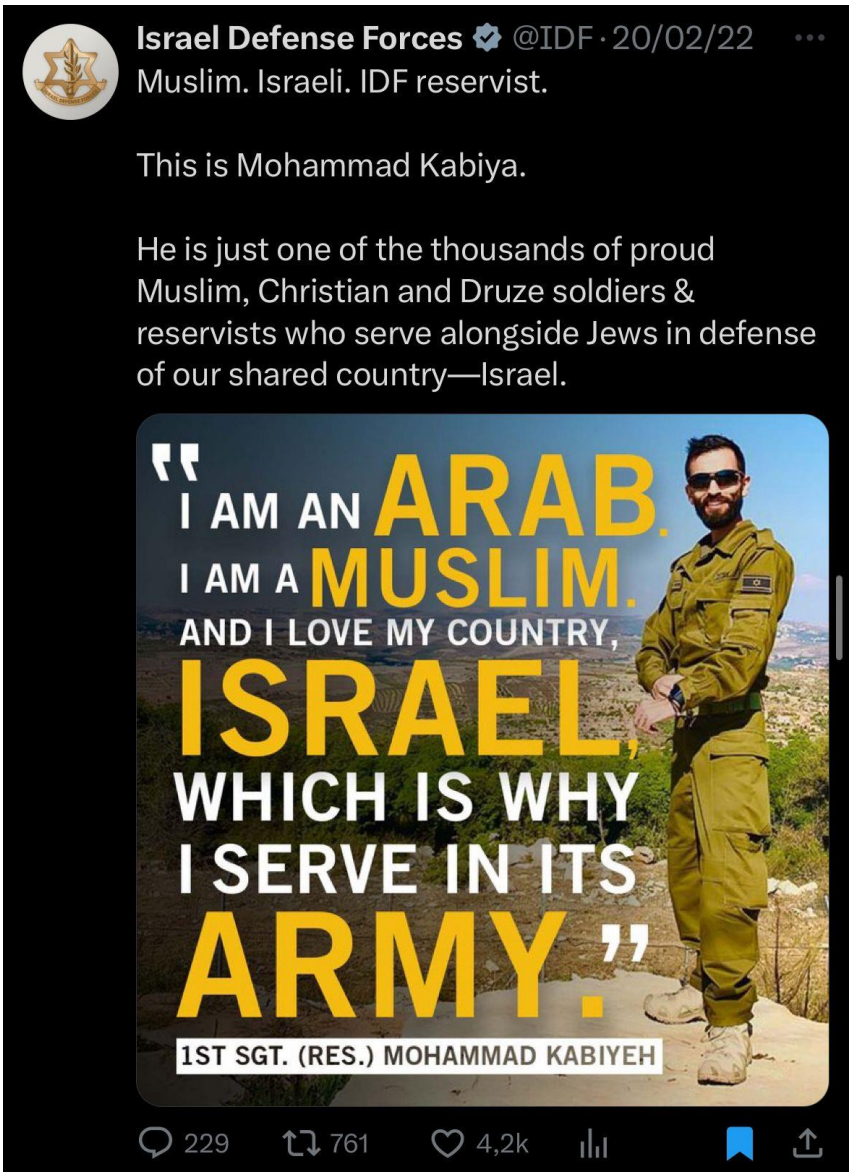


Figura 12. Publicação no Instagram das FDI em que nos mostram 3 soldados de 3 religiões distintas. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/CrYjQuUNcB4/ em agosto de 2024.



As figuras 9, 10, 11 e 12 servem para ilustrar o que aqui foi argumentado.

4.3. Direitos LGBT

É comum que Israel se apresente como um país *Gay friendly*, onde as diversas orientações sexuais e identidades de género são aceites. Normalmente esta propaganda é acompanhada de referências à a falta de liberdade que várias pessoas LGBT sentem no resto do Médio Oriente, utilizando a tática clara de reforçar a sua imagem e retórica de única democracia naquela região.

Apesar de esta propaganda ser amplamente utilizada na promoção turística, também não é raro encontrarmos *posts* e menções a soldados das FDI pertencentes à comunidade LGBT e como estes são acolhidos dentro do exército.

A professora Katherine Franke, que leciona na Faculdade de Direito da Universidade de Columbia, estudou, em 2102, o uso que vários estados fazem das questões LGBT para ganhos políticos, tanto a nível nacional como internacional.
Um dos estados alvo do estudo de Franke foi Israel. Segundo Franke, desde 2006 que Israel via a sua reputação no exterior afetada, especialmente depois da invasão ao Líbano. Sabendo que havia cada vez mais contestação em relação à ocupação dos territórios palestinianos e às sucessivas incursões militares, Israel viu-se na necessidade de lançar uma grande campanha de *marketing*, que, de preferência, fizesse a opinião publica internacional deixar de associar Israel ao exército e à guerra, e trocando-a por uma de um país com os chamados valores ocidentais e liberais.
É neste contexto que surgiu a exploração das questões LGBT e feministas no *rebranding* de Israel a partir de 2006 (Franke, 2012, p.6). Também segundo Franke, no ano de 2006 o Ministério do Turismo israelita lançou um *website* onde incentivava a um "turismo LGBT" em Israel. Esta tática teve um bom *feedback* entre os diplomatas israelitas que assumiram a importância de abordar as questões LGBT na sua estratégia de comunicação (*Ibidem*, p.8).

A utilização de homossexuais na sua campanha de *rebranding* era importante para a agenda política israelita. Um membro de uma campanha de defesa de Israel com o nome *Stand With Us*, afirmou, numa entrevista ao *The Jerusalem Post*, que "We're hoping to show that Israel is a liberal country, a multicultural, pluralistic country . . . That is a side of Israel we are very proud of and that we think should be shown around the world" (Noa Meir, 2009, *apud* Franke, 2012, p.14).

Esta estratégia de propaganda é conhecida como *Pinkwashing*, do qual Israel tem sido acusado ao longo dos anos por ativistas do movimento LGBT. O *Pinkwashing*, no contexto israelita, é a utilização de temas como os direitos das mulheres e direitos LGBT,

numa tentativa de limpar a sua imagem como estado colonial e de *apartheid* que ocupa o território palestiniano. Rasha Younes, investigadora de direitos LGBT no Médio Oriente na Human Rights Watch, afirma que Israel "Uses LGBTQ rights as a Trojan horse to pinkwash Israel's image and present itself as a human rights bastion of the region" (Younes *apud* NDTV, 2023). O objetivo de Israel com a utilização de este tipo de propaganda é criar um binário em relação aos países árabes, onde Israel se apresenta como um país moderno que respeita os direitos humanos, enquanto os restantes países, especialmente a Autoridade Nacional Palestiniana, são apresentados como países conservadores que não respeitam as liberdades individuais. Esta ideia está presente na frase que Benjamin Netanyahu disse ao Congresso dos EUA, em maio de 2011, afirmando que o Médio Oriente era: "a region where women are stoned, gays are hanged, Christians are persecuted" (Netanyahu, 2011 *apud* Schulman, 2011).

Deste modo, fica claro que a exploração deste tema para fins propagandísticos, assenta numa ideia islamofóbica e anti árabe que apresenta árabes e muçulmanos, de forma generalizada, como homofóbicos, apagando a existência de pessoas LGBT árabes e muçulmanas para ganhos políticos ou, até mesmo, "fabricate myths about "saving" Palestinian queers from their homophobic and oppressive families and communities by bringing them to live in Tel Aviv – the ultimate gay haven" (Shafie, 2015).

Concluindo, assumimos que esta causa é utilizada pelo estado israelita para reforçar a sua identidade como um país e povo liberais, onde todos os cidadãos são iguais, seguidores daquilo que dizem ser valores ocidentais, frisando sempre que a sua identidade e valores são opostos aos dos seus países árabes vizinhos, e apresentando-se, portanto, como o bastião da democracia no Médio Oriente.

Figura 13. Publicação no Instagram *Jews of New York* onde apresentam a imagem de um soldado israelita, na invasão à Faixa de Gaza que ocorreu após 7 de outubro, com uma bandeira LGBT onde se pode ler a frase "In the name of Love". Reimpressa da conta @jews_of_ny da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/Czj6_cnvQMv/?img_index=1



A figura 13 é exemplo daquilo que aqui foi exposto. A conta *Jews of NY* (@jews_of_ny) publicou, em novembro de 2023, um pouco mais de um mês depois do início da invasão à Faixa de Gaza depois do ataque de 7 de outubro, a imagem acompanhada de uma mensagem enviada pelo soldado das FDI Yoav Atzmoni. Ao longo da mensagem, o soldado Yoav Atzmoni diz que "The external message to the world is that despite the pain of war - the IDF is the ONLY army in the Middle East that defends democratic values."

Apesar de as pessoas LGBT em Israel serem constantemente utilizadas para fins de propaganda da inclusão dos membros desta comunidade na sociedade israelita e no seu exército, a verdade é que ainda são alvos de bastante discriminação, especialmente no seio das FDI.

Um inquérito levado a cabo pelo *Israeli Gay Youth movement* no ano de 2011, e publicado no *The Jerusalem Post*[10], concluiu que quase metade dos soldados identificados como pertencentes à comunidade LGBT tinham já sofrido abusos verbais e físicos dentro das FDI. 40% diziam ter sofrido abusos verbais e 20% afirmavam ter sofrido abusos físicos e sexuais que, na sua maioria, foram completamente ignorados pelos seus superiores. Dentro desta discriminação sentida pelos membros da comunidade LGBT, entre os que mais sofreram estão as pessoas árabes, levando algumas organizações Israelitas em defesa dos direitos LGBT a criticar o governo por normalmente apenas promover homens gays judeus e brancos.

Figura 14. Publicação na plataforma X das FDI onde colocam uma imagem de dois soldados israelitas, vestidos com o uniforme, de mãos dadas. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/212183925940957186



[10] Yaakov Katz, 40% of IDF's gay soldiers suffer abuse, in https://www.jpost.com/defense/40-percent-of-idfs-gay-soldiers-suffer-abuse (acessado em julho de 2024)

A figura 14 foi alvo de grande polemica em Israel quando se descobriu que a foto era encenada. De facto, os dois homens que aparecem na imagem pertencem à unidade de porta-vozes das FDI e não são um casal, segundo alega o *The Times of Israel*, que contactou a unidade de porta-vozes, que não negou a encenação da foto em causa.[11] No entanto, o objetivo destas publicações é sempre o mesmo: passar a ideia de que a sociedade israelita tem enraizado valores democráticos e progressistas aproveitando para se afirmar cada vez mais como a "única democracia" do Médio Oriente, apesar de no fundo serem uma sociedade bem mais conservadora, especialmente no que toca a questões LGBT do que aquilo que transmitem nas redes sociais.

[11] Mitch Ginsburg, Army's 'gay soldiers' photo was staged, is misleading, in https://www.timesofisrael.com/idf-gay-soldiers-photo-is-misleading-military-source-says/ (Acessado em julho de 2024)

Figura 15. Publicação no X das FDI com um vídeo alusivo à celebração do *Pride* em Israel, apresentando o contraste com aquilo que alegam ser a vivência da comunidade LGBT em Gaza. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://x.com/IDF/status/1806645094755324063 em agosto de 2024.



A figura 14 vai também ao encontro da análise que aqui tem sido feita do uso das questões LGBT no meio propagandístico em Israel. Como já referido no início da análise deste tema, Israel utiliza estes temas como contraste em relação aos países árabes do médio oriente. Neste post publicado na rede social X, apresentam-nos a celebração do *Pride* em Israel fazendo referência a Gaza, onde segundo o que está exposto no texto publicado, a existência como membro de um grupo minoritário nessa região poderá ser uma sentença de morte.

Não negando as dificuldades que a comunidade LGBT vive em diversos locais do globo, Médio Oriente incluído, não exclui Israel de ser um país opressivo para os membros desta comunidade, que ainda enfrentam muitos preconceitos por parte de uma sociedade que é conservadora, principalmente no seio dos grupos ultrarreligiosos. Exemplo disto é que no *Pride* de 2016, celebrado em Jerusalém, um judeu ultra ortodoxo

atacou pessoas que desfilavam na marcha do orgulho, matando uma jovem e ferindo outras 5 pessoas. Segundo a notícia publicada na BBC News[12] sobre este acontecimento, a marcha do orgulho *gay* em Israel tem sido palco de tensões entre judeus seculares e judeus ortodoxos.

Outra notícia do ano de 2023[13], informa-nos de um assassinato cometido contra uma jovem homossexual pertencente à comunidade drusa no Norte de Israel. Ahmad, vítima deste crime de ódio, era ameaçada há algum tempo por membros da sua família, tendo mesmo de se refugiar num abrigo para mulheres.

Se é verdade que, em cidades como Tel Aviv e Jerusalém a aceitação da comunidade LGBT é maior, os dados correspondentes ao resto do país não são correspondentes. Segundo uma investigação desenvolvida em 2013 pelo PEW Research Center[14], 47% dos israelitas responderam que "não" quando questionados se a homossexualidade deveria ser aceite na sociedade, obtendo apenas 40% de israelitas que responderam afirmativamente. Se compararmos estes dados com os recolhidos de países do continente europeu e norte americano, os alvos principais da propaganda externa israelita, apenas a Rússia apresentava um valor mais baixo de respostas afirmativas com 16%. De resto, países como a Espanha, Alemanha e Canada ultrapassaram o valor de 80%.

Apesar da constante utilização das questões LGBT por parte das FDI, como podemos ver na figura 15, em contraste com o que já é possível em vários países há muitos anos, em Israel ainda não é possível que um casal homossexual contraia matrimónio, decisão que tem tido uma forte oposição de deputados de partidos ultraortodoxos. Essa é uma das principais lutas da comunidade LGBT em Israel, onde membros das FDI pertencentes a

---

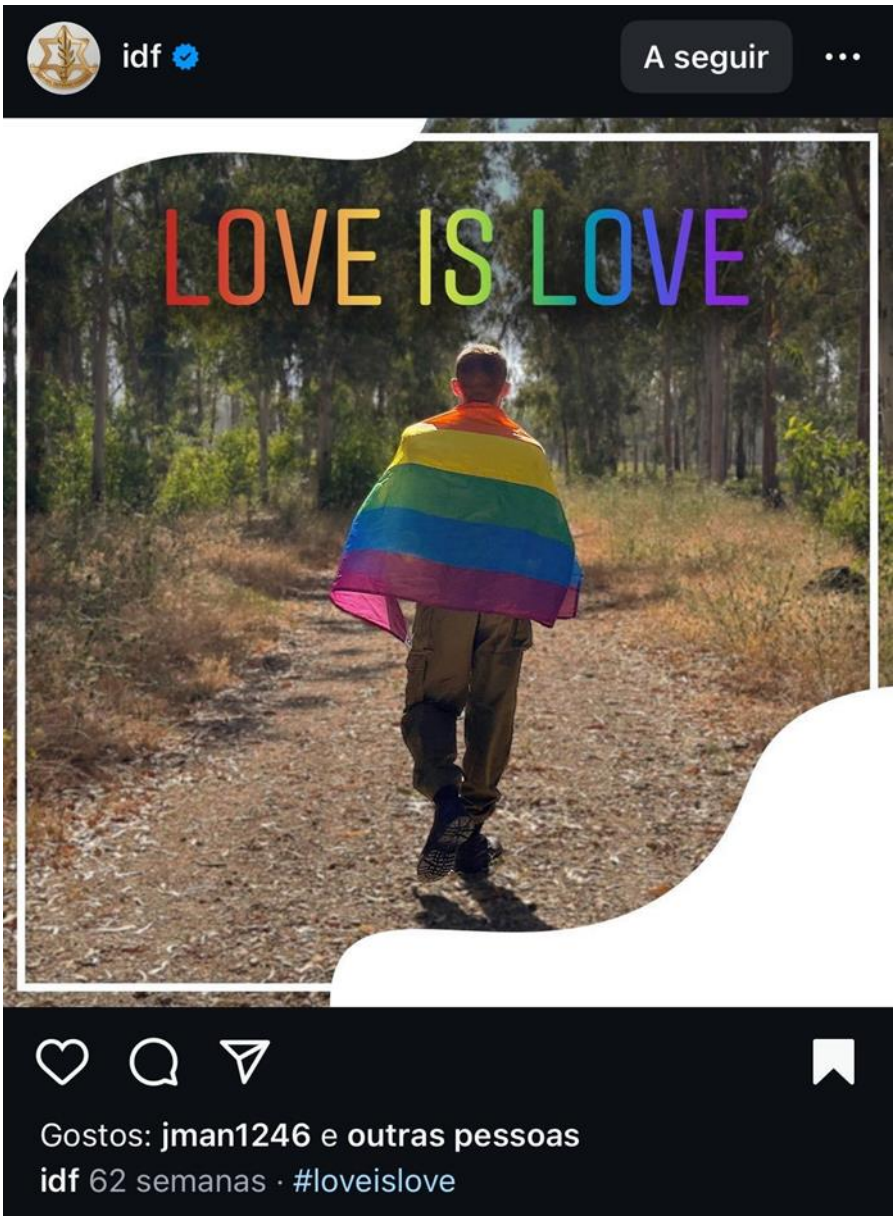
[12] BBC News, Jerusalem Gay Pride stabbing: ultra-orthodox Yishai Schlissel jailed for life, In https://www.bbc.com/news/world-middle-east-36634148 (Acessado em agosto de 2024)

[13] TOI Staff, 5 suspects arrested over murder of LGBTQ teenage girl last month, in https://www.timesofisrael.com/5-suspects-arrested-over-murder-of-lgbtq-teenage-girl-last-month/ (Acessado em agosto de 2024)

[14] PEW Research Center, The Global Divide on Homosexuality: Greater Acceptance in More Secular and Affluent Countries in https://www.pewresearch.org/global/2013/06/04/the-global-divide-on-homosexuality/ (Acessado em agosto de 2024)

essa comunidade sentem que arriscam a sua vida para defender Israel, mas sem terem acesso aos mesmos direitos que gozam os casais heterossexuais em Israel (Freedman, 2024).

Figura 16. Publicação no Instagram das FDI que faz referência à comunidade LGBT. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/Ctg_d7jNzLt/



4.4. Direitos das mulheres

Israel é o único país do mundo onde o serviço militar é obrigatório tanto para homens como para mulheres a partir dos 18 anos.
Após a Guerra da Independência, Ben-Gurion, então primeiro-ministro, com a ideia de que as FDI tinham de ser "the people's army", entendeu ser necessário estender o serviço militar obrigatório também para as mulheres, considerando que são cidadãs com os mesmos direitos e deveres que os homens.
Não obstante esta decisão, sempre foi claro que a prioridade das mulheres na sociedade israelita era a maternidade, pois é ela que garante a continuidade do povo judeu e, especificamente, a maioria demográfica judaica em Israel. Por isso, até aos dias de hoje, as mulheres que sejam casadas, que estejam grávidas ou que tenham filhos ficam isentas de participar no serviço militar.

Apesar da decisão de incluir as mulheres no serviço militar obrigatório ser visto como progressista por parte de algumas pessoas, o objetivo da inclusão das mulheres nas FDI foi, acima de tudo, estratégica, com o objetivo de libertar os homens de cumprir posições de não combate, e assim garantirem o maior número possível de homens nas posições da linhas da frente e de combate.

O exército israelita tem uma divisão do trabalho e de estruturas de poder altamente influenciadas pelo género (Izraeli, 2009, p.1). Ao fazerem do género uma métrica importante na divisão de postos e trabalho dentro das FDI, o exército tem o papel de acentuar a discriminação sentida na sociedade, empurrando as mulheres para fora de lugares de poder e prestígio dentro das FDI.

Apesar de, em anos mais recentes as FDI, terem possibilitado uma maior integração de mulheres em posições de combate, estas ainda ocupam a maioria das posições de não combate. Em 2000, as mulheres começaram a ser mobilizadas em massa para o *Karakal*, uma unidade de patrulhamento de zonas consideradas pacificas, como as fronteiras com a Jordânia.
Segundo Izraeli, até 2021 o *Karakal* era constituído por 70% de mulheres, sendo que no

ano de 2004 o valor de mulheres em posições de combate era apenas de 2.5% (*Ibidem*, p.2).

Esta exclusão das mulheres de posições de combates permite que os homens continuem a dominar posições de relevo dentro do exército, especialmente porque ter participado numa posição de combate é um dos pré-requisitos essenciais para a ascensão a posições de poder político e económico, impedindo assim que maioria das mulheres cheguem a estas posições.

Segundo um artigo que foi publicado no *website* das FDI em 2013[15], as FDI afirmam que se destacam no mundo militar no que toca a igualdade de género devido a "its high representation of women. In addition to requiring women to enlist, the IDF boasts high participation of women in command roles". No entanto, o serviço militar obrigatório e a participação de mulheres na vida militar não pode ser por si só um indicador de igualdade de género. A integração das mulheres nas FDI têm tido muitos obstáculos ao longo dos anos, sendo que os principais são o assédio sexual e a oposição da participação das mulheres por parte das comunidades ortodoxas.
Segundo um artigo de opinião escrito por Zina Rakhamilova para o *The Jerusalem Post*, cada vez mais mulheres religiosas têm escolhido cumprir o serviço militar, levando a uma reação por parte de vários rabinos em Israel que escreveram uma carta publica onde afirmam a sua oposição à presença de mulheres nas FDI "for generations, the Rabbinate Council has determined that women should not serve in the army" (2023). Nessa mesma carta, um dos argumentos para defenderem a não participação das mulheres nas FDI é a questão dos abusos e assédio sexual.
Não sendo este um problema que caiba às mulheres nas FDI resolver, visto que são elas as vítimas, é um facto que o assédio sexual é provavelmente o maior problema que enfrentam nas FDI.

Segundo um relatório da State Comptroller, publicado no *Haaretz*, no ano de 2021, pelo menos um terço das mulheres nas FDI foram vítimas de assédio sexual, sendo que o

[15] IDF editorial team, IDF Leads the Way in Gender Integration, In https://www.idf.il/en/mini-sites/international-cooperation/idf-leads-the-way-in-gender-integration/ (acessado em agosto de 2024)

mesmo relatório descobriu que 70% das queixas apresentadas por estas mulheres nunca foram devidamente investigadas. Das mulheres que afirmam ter apresentado uma queixa sobre o abuso sofrido, 44% afirmam que não foi resolvido da melhor maneira possível, enquanto 26% afirmam que a sua queixa nem sequer foi tratada (Breiner, 2022).

Reut Shemesh, ex-militar das FDI, numa entrevista ao *Haaretz* sobre uma peça de dança criada por ela e que aborda as dificuldades que viveu nas FDI por causa do assédio que foi alvo, contou ao *Haaretz* que "…we're all sexually harassed in the army, almost on a daily basis" (Shemesh *apud* Izikovich, 2018). Este assédio e abuso sexual constante vivido pelas mulheres que servem nas FDI, têm consequências desastrosas na sua saúde mental e impede-as de verem as FDI como um lugar seguro. A julho de 2022, o *Haaretz* publicou uma notícia onde nos informa sobre o caso de uma militar a cumprir serviço nas FDI que tirou a sua própria vida após ser vítima de violação durante o seu serviço. A vítima em questão reportou o incidente, mas a sua queixa não avançou nem recebeu qualquer tipo de ajuda dos serviços de acompanhamento psicológico, segundo o noticiado pelo Haaretz (Kubovich, 2022).

Figura 17. Publicação rede social X das FDI onde nos apresentam uma imagem de mulheres nas FDI acompanhado de dados com o crescimento de mulheres em posições de combate dentro das FDI. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/895222720434249729 e publicada a 9 de agosto de 2017.

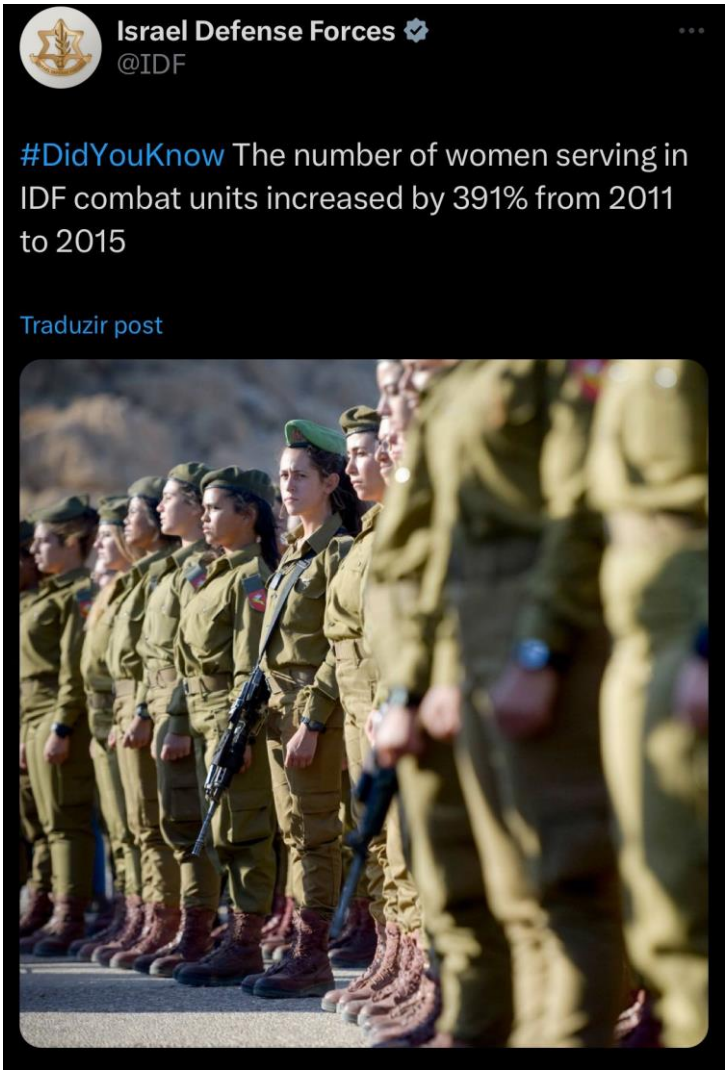


Figura 18. Publicação no Facebook das FDI com várias mulheres que servem nas FDI e com a descrição "Who run the world? Girls!". Reimpressa da conta Israel Defense Forces da plataforma Facebook. Obtida de https://www.facebook.com/share/p/xE6YohZjw85qBbej/ e publicada a 11 de julho de 2023



Figura 19. Publicação na rede X das FDI, onde postaram uma imagem de uma mulher que serve nas FDI, aparentemente numa posição de combate, com uma descrição a sugerir que não existem barreiras para as mulheres nas FDI. Reimpressa da conta @IDF da plataforma X. Obtida de https://x.com/IDF/status/464402501584711680 e publicada a 8 de maio de 2014.



Como podemos ver nas figuras é comum que as FDI publiquem nas redes sociais conteúdo relacionado com a presença das mulheres no exército israelita.

Na figura 17, a publicação feita pelas FDI alega que, entre 2011 e 2015, houve um aumento de 391% de mulheres em unidades de combate. No entanto, esse crescimento só pode ser altíssimo devido à grande dificuldade que as mulheres sempre enfrentaram

para atingir as unidades de combate. Como já referido anteriormente, foi apenas em 2000 que passou a ser possível que as mulheres passassem a integrar posições de combate. Dentro dessas, ainda só 86% estão disponíveis para integrar mulheres.

Já na figura 19, a publicação das FDI diz não existir barreiras invisíveis para as mulheres no exército e que podem ser o que quiserem, desde combatentes a generais. Porém, os dados existentes em relação à presença de mulheres em posições de combate, contrasta com estas duas publicações.

As figuras 20 e 21, apresentam-nos mais dados de mulheres a ocuparem cargos de direção dentro das FDI. A figura 20 não faz referência direta a uma percentagem como nas figuras 17 e 21, mas, publicada no Dia Internacional da Mulher, refere que todos os cargos disponíveis nas FDI, incluindo posições de combate, estão acessíveis a todas as mulheres. Segundo uma investigação desenvolvida em 2022, o número de mulheres a ocupar unidades de combate era apenas de 17%[16], percentagem que nos demonstra que, apesar da propaganda contínua que as FDI fazem da integração das mulheres no seu exército, ainda existem bastantes condicionantes e discriminação no acesso a estas posições.

A participação das mulheres nas FDI tem sido cada vez mais contestada pelos sectores ultrarreligiosos. É comum que os soldados religiosos peçam para não servirem lado a lado com mulheres, mas, como cada vez mais mulheres, especialmente religiosas, servem nas FDI, os rabinos em Israel temem que os homens religiosos fiquem sem opções para servirem nas FDI sem ser ao lado de mulheres. Até 2022, a maioria das unidades especiais e brigadas da infantaria continuam com o acesso vedado a mulheres (Harel, 2022).

Cada vez mais têm sido impostas restrições às mulheres nas FDI para agradar aos soldados religiosos. Como reportado pelo *The Times of Israel*[17], as mulheres de uma base

[16] Pnina Baruch, Opening All Combat Positions in the IDF to Women in https://www.inss.org.il/strategic_assessment/opening-all-combat-positions-in-the-idf-to-women/ (acessado em julho de 2024)

[17] TOI Staff, Report: Female soldiers barred from singing at IDF base due to religious troops, in https://www.timesofisrael.com/report-female-soldiers-barred-from-singing-at-idf-base-due-to-religious-troops/

militar das FDI, cantavam e ouviam música enquanto cumpriam as suas obrigações na cozinha da base, quando lhes foi ordenado que parassem de cantar e ouvir música para respeitarem a sensibilidade dos soldados religiosos ali presentes, visto que alguns judeus ortodoxos consideram impudico ouvir mulheres a cantar.

Figura 20. Publicação no Instagram das FDI onde se celebra o Dia Internacional da Mulher. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/B9e2qSWgrtv/



Figura 21. Publicação no Instagram das FDI onde nos apresentam o dado de que 30% dos programadores nas C4I são mulheres. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/BPQJduNAuBl/



Figura 22. Publicação no Instagram das FDI onde nos apresentam uma imagem de várias mulheres no serviço militar. Reimpressa da conta @IDF da plataforma Instagram. Obtida de https://www.instagram.com/p/Cnmzc4atdtz/?img_index=1



Em conclusão, à semelhança dos direitos LGBT, as FDI e Israel utilizam frequentemente questões identitárias para se apresentarem como um povo e país tolerante e distinto daquilo que alegam ser os seus países vizinhos árabes, tentando constantemente reforçar a imagem de que são a "única democracia" no Médio oriente.

Considerações Finais

Esta dissertação teve o intuito de investigar o papel das Forças Armadas israelitas como veículo de construção nacional em Israel. Nela foi analisado o uso dos vários veículos de construção nacional usados pelas FDI, com enfoque especial nas suas Redes Sociais, de modo a compreender a narrativa utilizada para o fortalecimento da identidade nacional e promover a união do povo israelita.

Como vimos anteriormente neste trabalho, a socióloga Barbara Misztal (2003) argumenta que os nacionalistas utilizam a memória como um instrumento político por acharem que são caraterísticas comuns que formam a sua identidade. Neste caso, o traço comum existente entre os colonos que imigraram para a Palestina desde finais do séc. XIX, era a religião. Porém, ao contrário daquilo que os sionistas defendiam, os judeus e o judaísmo, *per se,* não constituíam uma nação. Assim, em 1948, o Estado israelita estava construído, mas a nação e a sua identidade não.
Contando já com grupos paramilitares várias décadas antes do estabelecimento do Estado de Israel, que foram transformadas, em 1948, nas FDI, estas tornaram-se no meio mais importante para a construção da identidade e difusão de propaganda. O próprio Ben-Gurion, primeiro-ministro de Israel entre 1948 e 1953, num período crucial para a fundaçao do estado, assim o admitia: "molder of the nation's leaders, the cultural instrument of the ingathering of the exiles, their unification and spiritual uplifiting" (Ben-Gurion, 1949 *apud* Segev, 1986: 268).

A partir de 1948, com a implementação do serviço militar obrigatório, como Cohen (1999) argumenta, o serviço militar tornou-se numa experiência amplamente partilhada entre os membros da sociedade israelita, comprovado pelas palavras de Ben-Gurion: "Let me add that even with defense so major a preoccupation, the mission of our armed forces remains as oriented towards constructing ends such as education and the unifying of Israeli youth through common training and experiences as it does towards warfare." (Ben-Gurion 1970: 75).
É então que os esforços propagandísticos se voltam para o exército, criando-se divisões especificas para produzir material a ser distribuído e utilizado dentro das Forças de

Defesa, com o intuito de doutrinar os soldados israelitas. Como discutido neste trabalho, uma das prioridades iniciais foi utilizar as FDI para a imposição do hebraico como língua oficial de Israel, língua essa que era apenas utilizada em cerimónias religiosas. O reavivamento do hebraico, papel entregue às primeiras milícias judaicas, foi importante não só para que os cidadãos de Israel tivessem uma língua em comum, mas também para romper com a diáspora judaica, cumprindo assim o ideal sionista do "novo judeu" que regressava ao Israel bíblico e abandonava a cultura da diáspora, vista como uma cultura inferior, de submissão, e que deveria ser rejeitada.

Como também analisado anteriormente neste trabalho, a preparação para a vida militar em Israel começa bem antes dos 18 anos. Como sabemos, a educação é um dos pontos essenciais para a construção identitária e disseminação de propaganda. Como Nurit Peled-Elhanan (2012) expôs, os manuais escolares em Israel fazem parte da preparação dos jovens para a vida militar e ajudam a manter a dimensão do militarismo social na sociedade israelita. Neste manuais, os feitos do Estado israelita e do seu exército são exaltados e a narrativa da pertença divina dos judeus à terra que ocupam é reforçada, apresentando os judeus israelitas como nativos que voltam à sua terra por direito próprio. A juntar à questão da educação, em Israel os jovens a partir dos 14 anos são mobilizados para participarem nos batalhões da Gadna, batalhões juvenis onde rapazes e raparigas têm a sua primeira experiência real da vida militar durante cerca de uma semana. É esta coerção através da propaganda que permite que a liderança do Estado de Israel mobilize o seu povo para o cumprimento de um longo serviço militar, sacrificando até mesmo a sua própria vida pelo bem da nação.

Nesta dissertação verificamos que existe uma contradição na formação da identidade nacional em Israel e na sua tentativa de coesão nacional. Inicialmente constituída praticamente apenas por imigrantes, a sociedade israelita não era homogénea, sendo visíveis diferenças em termos linguísticos, culturais e até práticas religiosas. Simultaneamente, era notório que os judeus *ashkenazi*, de origem europeia, dominavam as estruturas políticas, económicas e socioculturais do Estado, que tinham sido estabelecidas várias décadas antes do estabelecimento formal do Estado. Assim, os

judeus *mizrahi*, que emigraram do Médio Oriente e Norte de África para Israel, sobretudo durante as décadas de 50 e 60, foram forçados a um processo de assimilação cultural a valores ocidentais, um processo que se desenvolveu, sobretudo, a partir das FDI.

Como também já vimos ao longo deste trabalho, esta assimilação forçada de judeus *Mizrahi* ou, até mesmo, de outras minorias étnicas como os Drusos, leva precisamente a que a discriminação e a opressão sofridas por estes grupos sejam ainda mais visíveis. Neste sentido, as FDI são um reflexo da discriminação estrutural e institucional do resto da sociedade: é visível, por exemplo, a sobrerrepresentação excessiva de Drusos ou judeus *Mizrahi* em certas unidades militares, tais como a Brigada Golani, compostas por batalhões reconhecidos pela sua violência e por terem uma ação mais concentrada nos Territórios Ocupados, tornando-se assim claro de que existe uma opressão dentro das próprias FDI.

Outro paradoxo que encontramos neste processo de construção nacional a partir das FDI é que Israel apresenta o exército como o defensor do povo judeu, encaixada numa narrativa que sustenta a ideia de que sem as FDI não seria possível aos judeus sobreviverem numa zona rodeada por vizinhos árabes hostis. No entanto, as FDI também se apresentam como um exército inclusivo onde qualquer cidadão tem lugar independentemente da sua religião, etnia, orientação sexual etc.

A questão que aqui surge, e que tem sido levantada por outros grupos minoritários, nomeadamente os Drusos que, tradicionalmente, cumprem serviço militar em Israel, é que sendo as FDI defensoras do estado de Israel, um estado que se assume como judaico e como o Estado *do* e *para* o povo judeu, onde fica a defesa e proteção de uma parte da sua população que seguem outras religiões e pertencem a outras minorias étnicas? Como Selzer argumentou, um estado que se assume como judaico não pode oferecer os mesmos direitos a cidadãos que não se identifiquem como judeus, sob risco de perder a sua característica de estado judaico. Posto isto, é necessário reconhecer a permanente opressão e segregação a que são sujeitos os grupos minoritários em Israel, e como essa questão abala a coesão da sociedade.

A partir da analise ao uso que as FDI fazem das redes sociais existentes para difusão de propaganda, foi possível verificar que a sua atividade nas redes sociais tem um foco em propaganda que serve para reforçar a narrativa que as FDI são representativas, a partir da exploração de temas como a multietnicidade e a multireligiosidade, recorrendo a testemunhos e experiências dos seus soldados e do conjunto de cidadãos israelitas, até mesmo daqueles que num sistema claro de *apartheid* estão fora da esfera dominante.

Contudo, existem limitações nesta investigação. A nossa análise focou-se acima de tudo nas Forças de Defesa Israelitas e na propaganda difundida através das mesmas, com o foco dessa difusão através das redes sociais, faltando um aprofundamento na análise de outros elementos de construção nacional. Como já referido, este foi o instrumento de construção nacional escolhido por ser a experiência comum que mais cidadãos israelitas partilham, o que, na nossa ótica, faz das Forças Armadas o meio que acaba por ter um impacto maior na construção nacional, não deixando de ser necessário que exista futuramente uma análise mais detalhada da utilização de outros instrumentos e a avaliação do impacto dos mesmos.

Em síntese, concluímos que a propaganda teve um papel primordial na consolidação de uma identidade nacional em Israel ao longo dos tempos, especialmente durante as primeiras décadas do estado, período durante o qual Israel passou por mudanças demográficas drásticas e se tornou necessário assimilar e uniformizar a identidade de uma população que, sendo maioritariamente oriunda de distintos lugares, exigia um esforço ainda maior na construção nacional. A propaganda israelita recorreu acima de tudo a símbolos religiosos e históricos para moldar a sua identidade, incorporando-os na organização mais importante do Estado, as FDI.
Concluímos também que as FDI utilizam as redes sociais como meio de difusão de propaganda em relação à sua identidade. As publicações nas redes sociais têm como alvo principal o público externo, existindo até mesmo várias contas em diversas línguas em todas as redes sociais analisadas, sendo que essa propaganda se dirige mais concretamente aos países ocidentais, produzindo uma imagem progressista e à imagem do ocidente. Como Bresheeth-Zabner (2019) explicou, as FDI "not only functioned as the major force in building Zionism since 1920, but also as the social machinery of nation

and identity formation, supporting it ideologically, economically, industrially, and culturally, not to mention militarily." (p. 100).

Referências Bibliográficas

ACRI. (2024). Arab Minority Rights | Association for Civil Rights in Israel (ACRI). https://www.english.acri.org.il/arab-minority-rights

Aderet, O. (2021, 10 de julho). 'We saw Jews with hearts like Germans': Moroccan immigrants in Israel warned families not to follow. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/israel-news/2021-07-10/ty-article-magazine/.highlight/horrified-by-racism-moroccan-immigrants-in-israel-warned-families-not-to-follow/0000017f-e683-df2c-a1ff-fed3ce450000

Anderson, B. (2006). Imagined. Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism (2ª ed.). Verso. (Obra original publicada em 1983)

Al-haj, Majid. (2004). The political culture of the 1990s immigrants from the former Soviet Union in Israel and their views toward the indigenous Arab minority: a case of ethnocratic multiculturalism, Journal of Ethnic and Migration Studies, 30:4, 681-696, DOI: 10.1080/1369183042000169951 3

Barak, Oren & Tsur, Eyal. (2012). The Military Careers and Second Careers of Israel's Military Elite. The Middle East Journal. 66. 473-492. 10.1353/mej.2012.0083.

Ben-Gurion, David (1970) Memoirs. Cleveland: World Publishing Company.

Ben-Rafael, E., & Sharot, S. (1991). *Ethnicity, Religion and Class In Israeli Society*. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS.

Breiner, J. (2022, 28 de novembro). A third of Israeli female soldiers were sexually harassed in 2021, report says. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/israel-news/2022-11-28/ty-article/.premium/a-third-of-israeli-female-soldiers-were-sexually-harassed-in-2021-report-says/00000184-bee1-d136-affd-fff5ac590000

Bresheeth-Zabner, H. (2020). *An Army Like No Other: How the Israel Defense Force Made a Nation*. Verso Books.

Buheji, Mohamed. (2024). How is Gaza Inspiring Gen-Z and Changing their Mindsets?. 1-22. 10.17605/OSF.IO/MUAE3.

Cohen, S. A. (1999). From Integration to Segregation the Role of Religion in the IDF. *Armed Forces & Society*, *25*(3), 387-405. https://doi.org/10.1177/0095327X9902500303

De Martino, C. (2024). Europe and the abuse of the "Shoah guilt complex" after October 7. In The War on Gaza and Middle East Political Science (pp. 55–59). POMEPS Publications. https://pomeps.org/wp-content/uploads/2024/04/POMEPS_Studies_51_Web-1.pdf

Dobbins, J. (2007). *The Beginner's Guide to Nation-building*. RAND Corporation.

Eisenstadt, S. (1985). *The transformation of Israeli society: An essay in interpretation*.

Finkelstein, N. (2000). *The Holocaust Industry: Reflections on the Exploitation of Jewish Suffering*. Verso Books.

Freedman, E. (2024). Israeli LGBTQ soldiers hope the war in Gaza will bolster their fight for equal rights at home. The Jerusalem Post | JPost.com. https://www.jpost.com/israel-news/article-781283

Friesel, Evyatar. (1987). New Zionism: Historical roots and present meaning. Journal of Israeli History. 8. 173-189. 10.1080/13531048708575917.

Ghadir Shafie. "Pinkwashing: Israel's International Strategy and Internal Agenda". Kohl: a Journal for Body and Gender Research Vol. 1 No. 1 (2015): pp. 82-86. (Last accessed on 31 August 2024). Available at: https://kohljournal.press/pinkwashing-israels-international-strategy. doi: https://doi.org/10.36583/kohl/1-1-11.

Halbwachs, M. (1988). Memória Coletiva. Vertice. (Obra original publicada em 1950)

Harel, A. (2022, 8 de junho). Israeli army promised female soldiers a revolution but left them with nothing but crumbs. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/israel-news/2022-06-08/ty-article/idf-promised-female-soldiers-a-revolution-but-left-them-with-nothing-but-crumbs/00000181-3f9c-d62a-a99b-ffdfdebb0000

Harrington, M. (2016). SOCIAL MEDIA IN MILITARY CONFLICT: A CASE STUDY IN LESSONS LEARNED [Dissertação de mestrado, AIRUNIVERSITY]. https://apps.dtic.mil/sti/trecms/pdf/AD1054711.pdf.

Hazkani, S. (2015, 28 de agosto). The silenced history of the IDF's 'Mizrahi problem'. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/2015-08-28/ty-article/.premium/the-silenced-history-of-the-idfs-mizrahi-problem/0000017f-e2f2-d38f-a57f-e6f28e9c0000

Hirschberger, B. (2021). External Communication in Social Media During Asymmetric Conflicts: A Theoretical Model and Empirical Case Study of the Conflict in Israel and Palestine. Transcript Verlag.

Hobsbawm, Eric. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e terra, 1990.

Izikovich, G. (2018, 4 de dezembro). 'We are all sexually harassed in the Israeli army, almost on a daily basis'. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/israel-news/culture/2018-12-04/ty-article-magazine/.premium/israeli-choreographer-takes-on-routine-sexual-harassment-in-idf/0000017f-f765-ddde-abff-ff656e690000

Izraeli, Dafna N. (2009): “Israel Defense Force.” Jewish Women: A Comprehensive Historical Encyclopedia. https://jwa.org/encyclopedia/article/israel-defense-forces

Jackson, J. (2023, 3 de julho). Critics question the backstory of one of Germany’s leading counter-extremists. Hyphen. https://hyphenonline.com/2023/07/03/critics-question-the-backstory-of-ahmed-mansour-one-of-germanys-leading-counter-extremists/

Jager, Avi (2021) "The Transformation of the Israel Defense Forces," Naval War College Review: Vol. 74: No. 2, Article 4.
Available at: https://digital-commons.usnwc.edu/nwc-review/vol74/iss2/4

Jewish Virtual Library. (s.d.). Israel Defense Forces (IDF). https://www.jewishvirtuallibrary.org/israel-defense-forces-idf

Kaplan, A. M., & Haenlein, M. (2010). Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. Business Horizons.

Kern, C. (2018). Israeli Druze rally against new nation-state law. Reuters. https://www.reuters.com/article/world/israeli-druze-rally-against-new-nation-state-law-idUSKBN1KP0PR/

Kimmerling, B. (1993). Patterns of militarism in Israel. European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie / Europäisches Archiv Für Soziologie, 34(2), 196–223. http://www.jstor.org/stable/23999468

Knesset. (2018, 19 de julho). Knesset passes Jewish nation-state bill into law. The Knesset. https://main.knesset.gov.il/en/news/pressreleases/pages/pr13979_pg.aspx

Kubovich, Y. (2022, 12 de julho). Soldier kills herself after reporting rape. Now army probes suspicions of negligence. Haaretz.com. https://www.haaretz.com/israel-news/2022-07-12/ty-article/.highlight/a-soldier-killed-herself-after-reporting-her-rape-the-army-did-little-to-help-her/00000181-eef2-daef-a79b-fef6754c0000

Laqueur, W. (1972). A History of Zionism. Schocken Books.

Lazarsfeld, P.F., & Merton, R. (1948). Mass communication popular taste and organized social action.

Loewenstein, A. (2023). Palestine Laboratory: How Israel Exports the Technology of Occupation Around the World. Verso Books.

Misztal, Barbara A. (2003). Theories of Social Remembering.

Mizroch, A. (2010, 2 de junho). How Free Explains Israel's Flotilla FAIL. WIRED. Disponível em: https://www.wired.com/2010/06/how-free-explains-israels-flotilla-fiasco/

Mylonas, H. (2010). Assimilation and its Alternatives: Caveats in the Study of Nation-Building Policies. In E. Chenoweth & A. Lawrence (Eds.), Rethinking Violence: States and Non-State Actors in Conflict (pp. 83–116). MIT Press.

NDTV. (2023). Israeli Soldiers Raise Pride Flag In Gaza, Reignite "Pinkwashing" Debate. NDTV.com. https://www.ndtv.com/world-news/israeli-soldiers-raise-pride-flag-in-gaza-reignite-pinkwashing-debate-4593165

Ojoajogwu, O. N. (2014). Religion as a catalyst of nation building in Nigeria. Net Journal of Social Sciences.

Paz, Shelly (2008) “Gadna pre-army program tries to restore IDF´s appeal”. The Jerusalem Post. 13 de abril de 2008. Disponível em: https://www.jpost.com/israel/gadna-pre-army-program-tries-to-restore-idfs-appeal

Peled-Elhanan, Nurit. (2012) Palestine in Israeli School Books: Ideology and Propaganda in Education. London: I.B. Tauris

Rakhamilova, Z. (2023). The IDF has a problem with female soldiers - opinion. The Jerusalem Post | JPost.com. https://www.jpost.com/opinion/article-726466

Raz-Krakotzkin, Amnon. (1993) “Exile within Sovereignty: A Critique of the ‘Negation of Exile’ in Israeli Culture,” Theoria Uvikoret, 4.

Ronen, G. (2011, 28 de junho). Cyber-Commander Prepares Assault. Israel National News. https://www.israelnationalnews.com/en/news/145247

Røislien, H. E. (2013). Religion and Military Conscription: The Case of the Israel Defense Forces (IDF). Armed Forces & Society, 39(2), 213–232. https://www.jstor.org/stable/48609178

Schwarzstein, D. (2001). História oral, memória e histórias traumáticas. História Oral, 4.

Schulman, S. (2011, 23 de novembro). Opinion | Israel and 'Pinkwashing' (Published 2011). The New York Times. https://www.nytimes.com/2011/11/23/opinion/pinkwashing-and-israels-use-of-gays-as-a-messaging-tool.html

Segal, R. (2023, 24 de outubro). Israel must stop weaponising the Holocaust | Raz Segal. The Guardian. https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/oct/24/israel-gaza-palestinians-holocaust

Segev, Tom (1986) 1949: The first Israelis. New York: The Free Press.

Selzer, M. (1971). Nation Building and State Building: The Israeli Example. Phylon (1960-), 32(1), 4–22. https://doi.org/10.2307/273590

Shamah, D. (2013, 13 de fevereiro). IDF claims victory in Pillar of Defense social-media war. The Times of Israel. https://www.timesofisrael.com/idf-claims-victory-in-pillar-of-defense-social-media-war/

Shamgar, I. (1999, 18 April). The Israeli version of Pravda. Ma'ariv, p. 10

Shavit, Y. (1988). Jabotinsky and the Revisionist Movement 1925-1948. Routledge.
Toledano, M. (2013). Public Relations and Nation Building. Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203786970

Weitz, R. (2007). ISRAEL. In THE RESERVE POLICIES OF NATIONS: A COMPARATIVE ANALYSIS (pp. 97–108). Strategic Studies Institute, US Army War College. http://www.jstor.org/stable/resrep12108.14

White, K. E. 1. (1954). Abraham Lincoln and Christianity [Thesis, Boston University]. https://hdl.handle.net/2144/8748

Wistrich, R. S. (1997). Israel and the Holocaust Trauma. *Jewish History*, *11*(2), 13–20. http://www.jstor.org/stable/20101298

Woods, A., & Grant, T. (2000, 25 de fevereiro). Marxism and the National Question. In Defence of Marxism. https://www.marxist.com/marxism-national-question250200/all-pages.htm